



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – GEOPROF

ANDRESSA CARLA NÓBREGA DE AZEVEDO FARIA

**A ELABORAÇÃO DE UM LIVRO PARADIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

CAICÓ/RN

2018

Andressa Carla Nóbrega de Azevedo Faria

**A ELABORAÇÃO DE UM LIVRO PARADIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Relatório Técnico-Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado Profissional – GEOPROF, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculada à área de pesquisa Ensino de Geografia, linha de pesquisa Metodologia do Ensino de Geografia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ione Rodrigues Diniz Morais.

CAICÓ/RN

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Profª. Maria Lúcia da Costa Bezerra - - CERES--Caicó

Faria, Andressa Carla Nóbrega de Azevedo.

A elaboração de um livro paradidático como proposta metodológica para o ensino de Geografia / Andressa Carla Nóbrega de Azevedo Faria. - Caicó: UFRN, 2018.

114f.: il.

Relatório Técnico-Científico (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA. Programa de Pós-graduação em Geografia - Mestrado Profissional - (GEOPROF).

Orientador: Dra. Ione Rodrigues Diniz Moraes.

Coorientador: Dra. Sandra Kelly de Araújo.

1. Livro Paradidático. 2. Lugar, Paisagem. 3. Timbaúba dos Batistas. 4. Geografia Urbana. I. Moraes, Ione Rodrigues Diniz. II. Araújo, Sandra Kelly de. III. Título.

RN/UF/BS-CAICÓ

CDU 911:37(047.31)

Andressa Carla Nóbrega de Azevedo Faria

**A ELABORAÇÃO DE UM LIVRO PARADIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Relatório Técnico-Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado Profissional – GEOPROF, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculada à área de concentração de pesquisa em Ensino de Geografia, linha de pesquisa Metodologia do Ensino de Geografia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Aprovada em: ____/____/____

Presidente: Profa. Dra. Ione Rodrigues Diniz Morais

Orientadora

Profa. Dra. Sandra Kelly de Araújo

Examinadora interna

Profa. Dra. Aleksandra Fernandes de Queiroz

Examinadora externa

Dedico este trabalho a todos os meus alunos e ex-alunos que habitam o lugar Timbaúba dos Batistas, ou que por um motivo ou outro o deixaram...

A todos vocês, uma lembrança, ou uma lição, sobre o que esse lugar representa para todos NÓS!!!

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me concedido a oportunidade de cursar um mestrado, mesmo depois de tantos anos da graduação. Tudo aconteceu no tempo certo, pois o Senhor sabe tudo o que faz e nunca me abandonou.

A meus filhos, Pedro Tércio e Ana Livia, principalmente, por tantos momentos de ausência durante essa jornada de conhecimento, pelas vezes que precisei lhes negar carinho e atenção devido às leituras e à escrita necessárias para a elaboração dos trabalhos. Vocês são meus tesouros mais preciosos e tudo que faço é pensando no melhor para cada um. Amo vocês incondicionalmente, jamais esqueçam disso.

A meu marido, Neto, pelo amor, parceria e apoio, e tenha certeza que jamais teria conseguido concluir esse curso sem sua ajuda, sobretudo nos momentos que cuidou dos nossos filhos por mim. Amo muito você!

À Mainha, a quem eu estava devendo esta conquista. Obrigada por todas vezes que lutou para me dar tudo o que podia, e perdão pelos momentos de ausência, pelos momentos em que me queria por perto e eu não pude comparecer. Saiba que és a rocha que me sustenta, minha base.

Aos demais familiares, Pai, irmão, sobrinhos, sogros, cunhados. Agradeço a Deus por tê-los em minha vida, pois jamais recebi um não de vocês nos momentos que precisei. E peço perdão pelos momentos que precisei ficar distante em virtude da pesquisa. Ainda teremos muito a comemorar juntos.

Aos amigos que sempre torceram por mim, muito obrigada a todos.

A meus colegas de trabalho, do Colégio Diocesano Seridoense e da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo, em especial a meus colegas de estrada. Obrigada por todo incentivo recebido de vocês decorrer desses dois anos.

A Meus colegas de curso, Jemima, Antônio, Aurineia, Ilcileide e José, pela experiência que vivemos, pelas dúvidas, cansaços e expectativas que compartilhamos. Espero de coração que cada um atinja realmente os objetivos almejados. Vocês foram e são muito importantes para mim.

A Meus professores ao longo da vida, que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu me tornasse a pessoa e a profissional que sou, meus sinceros agradecimentos a todos. Em especial, à minha orientadora Ione Rodrigues Diniz Moraes, em quem me espelho até hoje. Saiba que exala conhecimento e que foi uma honra dividir com você essa experiência incrível.

A todos àqueles que me ajudaram a caminhar ao longo do curso:

Professores e parceiros do Geoprof, por todos os conhecimentos do “Saber fazer” em sala de aula. Sou consciente que esse processo não finda por aqui, muito pelo contrário, talvez tenha apenas iniciado.

Vinicius Dutra, que de meu aluno também se tornou amigo da família, pelas tantas traduções feitas e refeitas a qualquer hora do dia ou da noite.

Tâmara Batista, pela companhia durante a pesquisa de campo, na produção das fotografias e principalmente por conseguir transformar minhas ideias em desenhos perfeitos. Esse trabalho não seria o mesmo sem a sua ajuda.

A dois grandes nomes da história timbaubense, que infelizmente não puderam vislumbrar a concretização deste trabalho:

Senhor Antônio Pereira de Azevêdo, um dos maiores historiadores do município. Onde quer que esteja, saiba que este trabalho só foi possível porque o “pontapé inicial” foi dado pela história oral sobre Timbaúba a mim apresentada. Ao senhor, também dedico esta conquista.

Senhor Dinaldo Batista de Araújo, por ter me proporcionado conhecer a Timbaúba dos Batistas do passado por meio de suas fotografias. Foi pelo intermédio dessas imagens que foi possível retratar a paisagem timbaubense.

A Timbaúba dos Batistas, por ter me recebido tão bem, por fazer parte da minha vida. E digo: se um lugar só é importante para alguém quando nele se constrói uma vivência, Timbaúba também é meu lugar.

A todos, o meu muito obrigada!!!!

RESUMO

Este trabalho constitui-se de um relatório técnico-científico, e de um livro paradidático que versa sobre a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas. Partindo do princípio de que a Educação Geográfica se baseia em conhecer a realidade local e poder comparar com outras realidades de diferentes escalas, buscamos com esta produção atribuir significado ao conhecimento do lugar de origem dos alunos. Os livros didáticos adotados nas escolas não contextualizam essa realidade, devido a sua escala de abrangência nacional. A pesquisa desenvolvida objetivou a produção de um livro paradidático, voltado para o 6º ano do Ensino Fundamental, que consiste em uma contribuição ao ensino acerca de abordagens conceituais sobre lugar e paisagem. Como resultado da pesquisa, foi produzido o livro intitulado *Pelas Trilhas da cidade: a geografia urbana de Timbaúba dos Batistas* organizado em cinco capítulos que contemplam a formação socioespacial, a configuração urbana, principais manifestações culturais, a figura artística de Elinó Julião, e uma proposta metodológica, com sugestões de atividades a serem desenvolvidas com os alunos. A escrita deste livro paradidático consiste em um esforço de contribuir para o ensino na perspectiva da Educação Geográfica e da Geografia Escolar, ou seja, de um conteúdo que assuma importância e significado para o aluno por tratar da realidade do local onde ocorrem suas vivências, e para o aprimoramento das práticas pedagógicas.

Palavras-Chaves: Livro Paradidático. Lugar. Paisagem. Timbaúba dos Batistas.

ABSTRACT

This work consists of a technical-scientific report, and a paradidactic book that deals with the Urban Geography of Timbaúba dos Batistas. Starting by the principle that Geographic Education is based on knowing the local reality and being able to compare with other realities of different scales, we seek with this production to attribute meaning to the knowledge of the place of origin of the students. The textbooks adopted in schools do not contextualize this reality, due to its scale of national coverage. The research developed aims the production of a paradidactic book, directed to the 6th year of the elementary school, which consists of a contribution to the teaching about conceptual approaches on place and landscape. As a result of the research, it was produced from the book titled *On the Trails of the City: the urban geography of Timbaúba dos Batistas* organized into five chapters that contemplate socio-spatial formation, urban configuration, main cultural manifestations, the artistic figure of Elinó Julião, and a proposal with suggestions of activities to be developed with students. The writing of this book consists of an effort to contribute to teaching in the perspective of Geographical Education and School Geography, that is, content that assumes importance and meaning for the student by dealing with the reality of the place where their experiences occur, and for the improvement of pedagogical practices.

Keywords: Paradidactic Book. Place. Landscape. Timbaúba dos Batistas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DELINEAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO.....	14
2.1 Pequena cidade: breve ensaio sobre o tema	20
2.2 Pelas trilhas da cidade: desvendando a empiria	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE	40
APÊNDICE A - Livro <i>Pelas trilhas da cidade: a geografia urbana de Timbaúba dos Batistas</i>	41

1 INTRODUÇÃO

A Geografia, como ciência, tem por objeto de estudo o espaço geográfico. Esta área do conhecimento, como disciplina escolar, possibilita o estudo do espaço e a reflexão acerca das ações humanas sobre o mesmo. Copatti (2017, p. 165) afirma que a Geografia apresenta desafios diversos e complexos perante o mundo contemporâneo, visto que, essa ciência e/ou componente curricular exige dos professores a compreensão de fenômenos que ocorrem no cotidiano nos mais diversos espaços, e isso deve ser posto para o aluno para que este possa desenvolver uma consciência cidadã perante ao atual contexto em que vivemos.

A Geografia Escolar propicia ao aluno possibilidades de leitura e compreensão do mundo em diferentes escalas e o entendimento das relações sociais e econômicas, buscando contribuir para a formação da cidadania. Para Cavalcanti (2002), o objetivo do ensino de Geografia é que os alunos tomem consciência da espacialidade das coisas e dos fenômenos vivenciados, pois a perspectiva particular dessa disciplina é a localização; mas justificar a localização é ir além da descrição, é buscar significação. Sendo assim, entender a significação dos lugares pressupõe conhecer seus aspectos históricos, econômicos, políticos, culturais e ambientais.

Nesse contexto, Vieira (2016) afirma que o estabelecimento de relações entre a prática socioespacial do aluno e os conteúdos de Geografia é de extrema importância para que este se aproprie do conhecimento geográfico e o transforme em instrumento de sua racionalidade. Em outras palavras, que atribua significado àquilo que aprender com a Geografia Escolar, a qual oportuniza ao aluno a capacidade de realizar uma leitura de mundo, comparando a realidade vivida com outras realidades.

Para Castellar (2005), o saber agir sobre o lugar de vivência é importante para que o aluno conheça a realidade e possa comparar diferentes situações, dando significado ao discurso geográfico. Isso seria a concretização da Educação Geográfica, ou seja, aquela em que o professor considera a realidade vivida pelo aluno no processo de ensino (CALLAI, 2005; CASTELLAR, 2005; CAVALCANTI, 2010).

Nessa perspectiva, tem-se no âmbito da Geografia Escolar a abordagem sobre o lugar, entendido como o espaço vivido, no qual as relações de subjetividade são construídas a partir de vivências do cotidiano. É nesse lugar que o educando começa a construir sua referência de mundo. Souza (2013) corrobora tal entendimento, pois, para o autor, o lugar é entendido como o espaço vivido, dotado de significado, no qual são tecidos os laços afetivos e

construídas as vivências, ativando diretamente a subjetividade humana, forjando a identidade e o pertencimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (BRASIL, 2001), documento que norteia o ensino básico, apresentam uma abordagem sobre o lugar na qual está impressa uma dimensão cultural simbólica. Nessa perspectiva, coloca para o professor da disciplina Geografia a necessidade de buscar estratégias metodológicas e recursos didáticos que possibilitem a compreensão e aplicação desse conceito no processo de ensino e aprendizagem, levando em conta o espaço de vivência dos alunos.

Considerando o exposto e a experiência como professora de Geografia do Ensino Fundamental, ressalta-se o desafio que se constitui ministrar essa disciplina, especialmente no tocante a conteúdos que abordam o lugar. Nesse aspecto, o desafio se expressa a partir de duas situações. A primeira diz respeito a abordagem conceitual, haja visto que, embora o lugar seja contemplado no livro didático, dado ao seu caráter nacional, as referências nele expressas por vezes são distantes daquelas vivenciadas pelo aluno e este é o recurso mais utilizado pelo professor para a realização de sua prática. A segunda está associada ao fato de que, muitas vezes, os alunos pouco sabem do processo histórico de formação do lugar onde habitam, dos atores responsáveis pelo seu desenvolvimento, entre outros. Dessa forma, considera-se importante a produção de referências bibliográficas passíveis de utilização em sala de aula, visando amenizar essa lacuna.

Ciente dessa situação e tendo como *locus* de atuação docente o Município de Timbaúba dos Batistas, no qual se constatou a dificuldade de ensinar conteúdos sobre o lugar, haja vista a escassez de materiais didáticos – livros, artigos ou trabalhos acadêmicos – que contemplem os aspectos históricos e geográficos da localidade, desenvolveu-se uma pesquisa visando a produção de um livro paradidático no âmbito da Geografia Urbana, voltado para o 6º ano do Ensino Fundamental. A referida pesquisa foi norteada pelas seguintes questões: Quais os marcos do processo de formação socioespacial de Timbaúba dos Batistas? Como ocorreu o processo de configuração do seu espaço urbano? Quais as principais manifestações culturais da localidade?

A partir desses questionamentos, definiu-se como objetivo geral produzir um livro paradidático que contemplasse a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas, partindo da análise da paisagem local direcionado para o 6º ano do ensino fundamental. Quanto aos objetivos específicos evidenciar os aspectos históricos que marcaram a formação socioespacial do município, analisar o processo de configuração do espaço urbano,

identificando as principais manifestações culturais da localidade, e referenciar o maior ícone artístico da localidade.

A escolha do tema espaço urbano se justifica em razão de ser uma abordagem que ocorre no nível de ensino para o qual o livro paradidático foi pensado, e ainda, pela possibilidade de articulação aos conceitos de lugar e paisagem, já mencionados anteriormente. E, por fim, pôr em uso as informações adquiridas, por meio das sugestões de atividades didáticas como proposta metodológica, para que o livro realmente seja utilizado por professores e alunos da localidade.

Assim o que obtivemos diante da pesquisa foi a produção de livro paradidático direcionado ao 6º ano do ensino fundamental cujo título é: *Pelas trilhas da cidade: a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas*. Este por sua vez divide-se em cinco capítulos que retratam a formação socioespacial do lugar, a configuração territorial urbana, as manifestações culturais, a personalidade artística de Timbaúba dos Batistas e por último uma proposta metodológica direcionada aos professores que possivelmente trabalharão com esse material.

A escrita desse livro paradidático consiste em um esforço de contribuir para o ensino na perspectiva da Educação Geográfica, ou seja, de produzir um conteúdo que assuma importância e significado para o aluno por tratar da realidade do lugar onde ocorrem suas vivências. Assim, espera-se que o seu processo de elaboração sirva de estímulo a outros docentes, no sentido de replicarem a metodologia nele utilizada, visando a produção de um material didático para o ensino de Geografia, na perspectiva de abordagens sobre o lugar. E, dessa forma, favorecer a disseminação do conhecimento sobre os aspectos socioespaciais de Timbaúba dos Batistas, especialmente entre aqueles que têm esse espaço como referência de lugar.

2 DELINEAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO

No processo de realização desta investigação, que objetivou a produção de uma referência bibliográfica para ser utilizada no ensino de Geografia, definiu-se como conceitos fundamentais: livro didático, livro paradidático, cidade, urbano, paisagem e lugar. Segundo Cavalcanti (2013), os conceitos são ferramentas culturais que representam mentalmente um objeto, ajudam a dar sentido àquilo que se vê e se percebe. São conhecimentos que generalizam as experiências e permitem fazer deduções particulares de situações complexas.

Nesse contexto, no ensino de Geografia, o livro didático assume um papel fundamental, sendo esse um recurso disponível atualmente tanto para os professores como para os alunos. Azambuja (1999) afirma que, ao adjetivar o livro como didático, aponta-se para a finalidade educativa desse tipo de obra, uma vez que esse tipo de publicação apresenta conteúdo e forma voltados para o ensino e a aprendizagem.

O acesso ao livro didático por parte dos alunos foi uma grande conquista para o processo de ensino-aprendizagem, além de ter se transformado numa espécie de guia para a prática pedagógica do professor. No entanto, Lajolo (1996) e Albuquerque (2011), entre outros autores, tecem uma crítica ao uso do livro didático pelo professor como um único instrumento da prática pedagógica. Ao tratar desse tipo de material, Albuquerque (2011, p. 166) declara:

Acreditamos que eles funcionam como um currículo, visto que definem os planejamentos e as práticas escolares. Geralmente, assim funcionam quando são a única referência para o professor. Quando isso ocorre, ao invés de serem um recurso didático, os livros tornam-se, efetivamente um currículo pré-ativo. E, como recursos didáticos, podem contribuir para a efetivação de um currículo interativo, visto que contribuem com desenvolvimento das práticas escolares de alunos e de professores.

Para Vesentini (2008), as condições de trabalho, os baixos salários, o excesso de aulas e de alunos fizeram com que professores adotassem o livro didático como verdadeiro guia. Porém, utilizá-lo dessa forma ou como único recurso didático em sala de aula pode levar à perda do encantamento tanto por parte do professor como do aluno. O seu uso pode ser aperfeiçoado com auxílio de outras fontes que possibilitem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com essa perspectiva, no âmbito da experiência com a docência, torna-se perceptível que, para a realização de práticas de ensino significativas, que gerem uma cidadania criativa, recomenda-se o uso de atividades diferenciadas. Todavia, isso não quer

dizer que se deve romper com o uso do livro didático, mas adicionar recursos pedagógicos ao fazer uso desse material que contribuam para a formação do aluno.

Nesse aspecto, emerge a contribuição que pode ser obtida a partir do uso do livro paradidático no processo de ensino-aprendizagem, não como substituto do livro didático, mas como material complementar. Precioso e Salomão (2014) afirma que tal complementação passa a ser considerada como desejável na medida em que os livros didáticos se tornem insuficientes para a abordagem de um determinado tema. Assim, os livros paradidáticos assumem o papel de ampliar ou aprofundar um determinado tema de uma ou mais disciplinas, complementando a contextualização dos conteúdos de maneira mais expressiva.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), o tratamento contextualizado do conhecimento é um recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de expectador, tornando-o produtor de seu próprio conhecimento. Um dos caminhos que podem levar a essa condição é despertar o interesse do aluno pela leitura e por conhecer melhor o lugar onde habita.

De acordo com Laguna (2012), foi a partir da década de 1970 que os livros paradidáticos passaram a ser mais usados nas escolas, em todas as séries, o que se fez por meio de publicações de autores nacionais. Esta prática surgiu de discussões sobre a necessidade de despertar em crianças e jovens o desejo, o gosto e o prazer pela leitura. A busca por informações além do livro didático permite ao aluno obter conhecimentos que irão contribuir para novas ideias e atitudes ao longo do processo de ensino-aprendizagem (PRECIOSO; SALOMÃO, 2014).

O uso de livros paradidáticos foi bem-sucedido no sentido de dinamizar as aulas e torná-las mais eficientes em termos de aprendizagem do aluno, pois contribui para ampliar seus horizontes tanto na leitura como na construção de uma aprendizagem significativa sobre o tema. Nesse contexto, cabe ao professor escolher o tema que deverá ser trabalhado mediante o uso desse material e, para isso, o ponto de partida é um bom planejamento (FERNANDES, 2017). Para Azevedo e Almeida (2013, p.144),

a Geografia Escolar deve estimular os alunos a desenvolver uma leitura geográfica de livros paradidáticos e da realidade em que vivem, desta forma ter-se a possibilidade maior de uma transformação partindo da educação, pois a partir do momento que as pessoas entendem a realidade mais próxima de si, elas saem do poder de desconhecimento, ou seja, passa a conhecer e entender e podem daí lutar por mudanças. Também é importante colocar que os professores da escola pública devem na maioria das vezes impor objetivos e superar os obstáculos para conseguir alcança-los mesmo que isto signifique converter a ordem do concebido.

Nesse contexto, objetiva-se com a utilização de uma obra com esse perfil proporcionar ao aluno uma situação de aprendizagem em que o conhecimento é verticalizado, aprofundando os elementos de análise do tema escolhido e sua contextualização.

Considerando o exposto e as demandas que se afiguram na prática desta professora-pesquisadora, no sentido de dispor de um recurso didático que possibilite a abordagem sobre o lugar no ensino de Geografia, elegeu-se as concepções de cidade e urbano como conceitos fundamentais do livro paradidático que se constitui no produto desta pesquisa. Esse tema é muito importante no âmbito do ensino, consistindo em um dos eixos temáticos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001).

Pensar a cidade, segundo Carlos (1999), significa refletir sobre o espaço urbano, como este pode ser apreendido e como se materializa (materializou), enquanto pensar o urbano significa refletir sobre a dimensão do humano. Nessa tessitura, depreende-se que a cidade sempre esteve ligada à dimensão humana; sem a presença e influência do trabalho humano, ela não existiria. Já Lefebvre (2011), compreende a cidade como materialidade, forma física construída pelo trabalho humano, e o urbano como modo de vida, a maneira como se vive nesse espaço.

No âmbito da produção do livro paradidático resultante da investigação realizada, recorreu-se à concepção de cidade conforme Carlos (1999, p. 57), segundo a qual esta é considerada

uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas [...] a cidade ^{da} necessidade de se organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando um determinado fim. Isto é, a sobrevivência do grupo no lugar, e o rompimento do isolamento das áreas agora sob sua influência.

No que concerne ao ensino, segundo Bernet (1997 apud CAVALCANTI, 2012), a relação entre educação e cidade possui três dimensões. A primeira considera a cidade como conteúdo de educação, identificada pela frase “aprender na cidade”; a segunda estabelece o meio urbano como um agente educador, configurando o “aprender da cidade”, e a terceira considera a cidade como conteúdo educativo, representada pelo termo “aprender a cidade”.

Assim, os três sentidos da dimensão educativa da cidade fundamentam duas linhas de investigação: uma delas é a relação cidade, cidadania e ensino de Geografia; a outra é cidade, cidadania e cultura urbana. A esse respeito, Cavalcanti (2012, p. 123) afirma que,

para preparação didática desse conteúdo, visando à educação geográfica, tem-se como ponto de partida do conceito: cidade é uma aglomeração de pessoas (habitantes, visitantes) e de objetos (edifícios, casas, ruas). Em função dessas pessoas e desses objetos, os espaços e a vida urbana se organizam. Esses elementos vão se configurando uma paisagem urbana, sendo possível, assim, estudar a cidade como uma paisagem.

Nesse viés, Dardel (2011) aponta que a análise da paisagem é a geografia compreendida com o que está em torno do homem, como ambiente terrestre; em outras palavras, é tudo aquilo que está ao alcance dos sentidos. Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une momentos e elementos.

Dessa forma, os elementos que compõem a paisagem podem oferecer aos que a contemplam aspectos da história e da realidade daqueles que habitam um determinado lugar. Cada construção, modificação ou substituição de áreas pode trazer tensões e aspirações de acordo com a época e a condição socioeconômica vivida. Ou seja, por meio da paisagem é possível identificar o modo de vida, as características naturais e as condições econômicas e sociais. Não se trata de valores estéticos e sim expressões fiéis à existência. A paisagem não é, na sua essência, feita para olhar, mas trata-se da inserção do homem no mundo (DARDEL, 2011).

Cavalcanti (2010) considera que paisagem e espaço constituem um par dialético. A paisagem é capaz de materializar um instante da sociedade, enquanto o espaço geográfico contém o próprio movimento da sociedade. Entender a paisagem não é apenas reproduzi-la, o que ainda é bastante praticado no ensino. É, sobretudo, saber interpretá-la dentro de um raciocínio geográfico, no qual seja possível identificar aspectos naturais, socioeconômicos que dão significado ao espaço retratado. Para a referida autora (2012, p. 52), a paisagem é o domínio do visível, do que é vivido por nosso corpo por meio dos sentidos.

Trata-se da dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade. A dimensão e a compreensão dessas formas servem para dar caminhos de análise do espaço [...]. As paisagens são assim, expressões técnicas, funcionais e estéticas da sociedade [...] pela observação delas percebem-se as ações sociais, as contradições sociais, as testemunhas de ações passadas de distintos tempos.

Assim, a cidade, por ser uma obra humana, apresenta uma paisagem que reflete as ações dos sujeitos que a construíram e constroem, revelando a sobreposição de tempo passado e presente, marcas do processo de formação e estruturação. No decurso desse processo, a cidade, como espaço de vivência, pode ser identificada como um lugar. As abordagens acerca

do lugar, segundo Cavalcanti (2010), apresentam diferentes visões no âmbito dos estudos geográficos, quais sejam: humanística, histórica dialética e pós-moderna.

Na visão humanística, o lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo; é o espaço do vivido, é o experienciado. Já a perspectiva histórica dialética faz referência à globalização e considera que é no lugar que se realizam as resistências a tal processo, pois é onde se podem manifestar as identidades, o coletivo, o subjetivo; em outras palavras, a cultura local ainda sobrevive, mesmo em face à nova cultura global. Na concepção pós-moderna, o lugar não pode ser explicado por sua relação com a totalidade, visto que o todo desapareceria e cederia lugar ao espaço fragmentado.

Mediante as concepções filosófico-metodológica podemos entender que a Geografia Escolar estuda o espaço geográfico e analisando as relações homem-natureza, cabendo ao professor direcionar esses conhecimentos de forma precisa para que o aluno possa utilizá-los de forma eficaz, constituindo assim uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, o ponto de partida para o aluno é o seu conhecimento acerca da realidade do lugar onde vive, sua origem, seu modo de vida, porque a paisagem do lugar apresenta-se de tal forma. Sobre esse aspecto, Callai (2005, p. 61) adverte:

ao conhecer, analisar e buscar as explicações para compreender a realidade que está sendo vivenciada no seu cotidiano, ao extrapolar para outras informações e ao exercitar a crítica sobre essa realidade, ele poderá abstrair esta realidade concreta, teorizar sobre ela e construir o seu conhecimento.

Essa perspectiva adotada pela referida autora (1999) define o estudo do município como um ponto de partida para o ensino da Geografia nas séries iniciais. Dessa forma, constitui-se como a base, podendo posteriormente ser relacionada com estudos que compreendam outras escalas geográficas.

Segundo Callai (2005), cada lugar tem uma força, uma energia que lhe é própria e decorre do que ali aconteceu e ainda acontece, como resultado de uma construção social. Mediante essa construção, aqueles que vivem no lugar constroem representações que lhes conferem identidades, relações de pertencimento, sentimentos que são tecidos pelas vivências estabelecidas.

O conteúdo sobre o lugar pode ser abordado em qualquer fase do ensino, seja fundamental ou médio, desde que se estabeleçam relações com as escalas regional e/ou global. É no lugar onde se vive que se estabelecem as bases concretas para a compreensão das relações sociais, do acesso ao espaço para se viver e construir história. Nessa perspectiva, Callai (2005 p. 76) afirma que,

ao estudar o município, faz-se o estudo do processo de construção da sociedade, isto é, como os homens se relacionam entre si e de que forma estão organizados para prover a sua subsistência, seja em nível de trabalho, saúde, cultura, lazer. [...] Ao trabalhar o município, no ensino de Geografia, estamos fazendo uma opção política que quer fazer com que o aluno se situe no espaço em que vive e que o compreenda como um processo em que a sociedade (isto é, nós) o constrói.

Entre os aspectos importantes do estudo do município, ressalta-se a construção de conhecimentos que dizem respeito ao lugar, por se tratar de uma realidade na qual os alunos vivenciam suas experiências de vida, o que pode proporcionar aulas mais interessantes e participativas.

Corroborando essa perspectiva, Macedo (2017) afirma que conhecer a história local, ou melhor, a história do lugar é um pré-requisito para se compreender os processos históricos regionais, nacionais, e até globais, além de contribuir para o fortalecimento da identidade. Para o autor, a história produzida a partir do lugar guarda marcas e podem retornar para seus moradores como forma de conhecimento, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, pois o lugar ganha materialidade, torna-se palpável. Como a História e a Geografia são disciplinas interligadas, conhecê-la implica numa melhor interpretação da Geografia do Lugar, do contexto no qual foi construída e das obras que se fazem presentes na paisagem urbana.

Um outro fator que merece destaque no contexto urbano são as manifestações culturais, pois retratam práticas culturais e econômicas de seus habitantes que se fazem presente no cotidiano do lugar e se constituem patrimônio cultural. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN¹, patrimônio cultural corresponde ao conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade de um povo. Para Costa (2008, p. 151), representa a história do lugar, é “paisagem vernacular”, ou seja, aquilo que lhe é próprio, nativo pertencente.

O valor patrimonial que possui os lugares reveste-se de uma variedade de símbolos compreendidos pelas mais diversas formas de atividades humanas. Estes símbolos trazem sentido que é o indivíduo ou um grupo os percebem e são reconhecidos por uma particularidade; são realidades concretas, os objetos ou atos físicos, portanto a existência factual e relativamente independente das significações que lhes damos.

¹ Definição de patrimônio cultural. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e>>. Acesso: 29 maio 2018.

Assim, segundo o autor (2008), o patrimônio é constituído por símbolos representados por meio das referências básicas de seus moradores e de suas relações com o cotidiano. São esses as festas tradicionais, manifestações artísticas e até atividades econômicas que dão conteúdo cultural às práticas sociais comuns na cidade.

No que se refere às festas de padroeiro, Costa (2008) ressalta a produção de uma paisagem material, um cenário parado ou em movimento percebido pelos sentidos, e imaterial, quando comporta a memória que foi construída e transmitida por meio das interpretações do passado. Na visão do autor, a paisagem urbana se modifica nos períodos festivos com a chegada de visitantes, familiares e amigos dos habitantes locais, que se encontram para a celebração da fé e a vivificação de valores sociais que dizem da identidade do lugar.

O elenco de manifestações culturais de um lugar representa um acervo de reconhecido valor, que ora o projeta em escala local, ora assume outras escalas geográficas. Trata-se de um patrimônio cultural que se fez construir perpassado de história, identidade e simbolismo, que conferem visibilidade a práticas socioespaciais de localidades, independentemente da dimensão que assumem no tecido urbano no qual se inserem.

Portanto, foram essas abordagens conceituais sobre cidade, urbano, paisagem e lugar que alicerçaram a produção bibliográfica sobre a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas, uma pequena cidade localizada no Sertão do Seridó potiguar. Mas, afinal, o que é uma pequena cidade?

2.1 Pequena cidade: breve ensaio sobre o tema

No âmbito dos estudos urbanos, há uma vertente que discute a classificação das cidades em grande, média e pequena. Contudo, no que se refere à pequena cidade, é possível reconhecer as dificuldades do ponto de vista da abordagem conceitual, haja vista a ausência de consenso sobre os critérios a serem utilizados para sua definição. Entretanto, estudiosos do tema apontam para a necessidade de ir além da demarcação territorial ou do tamanho do tamanho da sua população para classificar uma cidade como pequena.

De acordo com Sposito e Jurado Silva (2013), a ideia de pequena cidade por vezes é sem sentido, visto que há uma tendência de caracterizar um local com dimensão territorial menor e, por conseguinte, menor população, como um local pacato, seguro, com boa qualidade de vida para idosos. No entanto, essa idealização da pequena cidade mostra-se

equivocada, pois nem sempre corresponde à realidade desse lugar. No Brasil, onde verifica-se o seu predomínio, essas cidades também apresentam problemas sociais e ambientais, bem como atrativos econômicos ou amenidades, que podem interligá-las à dinâmica mundial.

Esse tema começou a ganhar vulto apenas com o processo de renovação da Geografia, que se iniciou entre as décadas de 1970 e 1980, embora já existissem algumas publicações sobre o assunto, relacionadas aos estudos urbanos e a formação da rede urbana brasileira. Esse assunto encontra espaço no âmbito da discussão sobre cidades não metropolitanas, a qual se insere cada vez mais no campo teórico e acadêmico, decorrente do crescimento de cursos de graduação e pós-graduação em cidades distantes de grandes centros, estimulando o desenvolvimento de pesquisas que contemplem o estudo da pequena cidade. Sposito e Silva (2013), Fresca (2001), Endlich (2011) estão entre os pesquisadores do tema, cuja produção se volta para estudos de caso que deram respaldo a essa conceituação.

Nesse contexto, pode-se verificar que é recente, e de pouca representatividade, o estudo desse tema e relacionado a pesquisas realizadas em cursos de nível superior. No que se refere ao ensino básico, o estudo sobre pequenas cidades é ainda mais raro. De acordo com Fresca (2001, p. 28), essa ausência está manifestada na maioria dos livros didáticos, que, de modo geral, trazem exemplos relacionados às grandes e médias cidades. Na visão dessa autora,

não basta considerar uma cidade pequena apenas por números. É preciso, pois, o entendimento do contexto socioeconômico de sua inserção como eixo norteador de sua caracterização como forma de evitar equívocos e igualar cidades com populações similares – que em essência são distintas.

Nesse viés, os números, sejam relacionados à área territorial, sejam referentes à população, são insuficientes para classificar uma cidade como pequena. Por isso, ao utilizar esse tipo de abordagem, corre-se o risco de igualar cidades que na sua essência são diferentes, desconsiderando as suas especificidades, considerando apenas a similaridade entre seus territórios e populações.

Em uma outra perspectiva a respeito do estudo das pequenas cidades, Jacobi (1994 apud SPOSITO; JURADO SILVA, 2013), classifica as cidades, nesse caso latino-americanas de acordo com suas respectivas populações. Assim, cidades grandes são aquelas que apresentam de 500 mil a 1 milhão de habitantes ou mais; cidades intermediárias apresentam entre 50 a 500 mil habitantes, e cidades pequenas incluem três níveis: menos de 10 mil habitantes, entre 10 e 20 mil habitantes, e entre 20 e 50 mil habitantes.

No entanto, para se caracterizar uma cidade como sendo pequena é preciso considerar também sua inserção na rede urbana ou na região (FRESCA, 2010), não só a sua população. Essa visão é compartilhada por Olanda (2008), ao apontar que, embora em alguns estados brasileiros uma cidade de 50 mil habitantes possa até ser considerada pequena, em algumas áreas distantes das regiões metropolitanas esse patamar de população não pode ser considerado pequeno devido às funções que a cidade desempenha no conjunto de cidades do seu entorno.

Santos (1982), por sua vez, utilizou a expressão “cidade local” para designar a cidade pequena, definindo-a como uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população. Nessa concepção, o fenômeno urbano é o mais básico possível, muito embora apresente particularidades a serem consideradas no contexto geográfico.

Nesse contexto de identificação e classificação dessas cidades, Fresca (2010) estabelece uma diferenciação de caráter hierárquico entre cidade pequena e centro local. Para a autora, cidade pequena é uma relação entre o pequeno número de habitantes e sua pequena área, no sentido mensurável por uma cidade; já o centro local refere-se ao menor escalão de cidades no Brasil, considerando o papel dos centros urbanos de uma distribuição de bens e oferta de serviços.

Para Spósito e Silva (2013), cidades pequenas correspondem a núcleos urbanos que representam uma extensão menor, se comparadas a centros de outro porte, e atendem ao pressuposto de realização da vida, de produção de espaço e da reprodução capitalista na divisão territorial do trabalho em escala internacional. Os autores (2013) ainda reforçam o fato de o urbano estar presente na cidade pequena e a existência de uma complexidade, uma vez que nesses locais se desenvolve uma sociedade, embora com um número menor de pessoas. Além disso, são cidades que também apresentam funções político-administrativas, econômicas e sociais.

No que se refere ao cotidiano, as cidades pequenas oferecem serviços, embora de forma mais restrita aos seus moradores. Endlich (2011, p. 2) afirma que

as pequenas cidades são frequentemente associadas a espaços marcados pela tranquilidade, socialmente acolhedores e sem as costumeiras mazelas que marcam a sociedade capitalista. Por isso, ao estudá-las, ainda que às vezes possa ser pertinente destacar seus atributos positivos, é fundamental a atenção às contradições sociais que nelas também podem ser encontradas.

O que a autora considera contraditório é o fato de, apesar das cidades pequenas possuírem aspectos relacionados à tranquilidade, essas também apresentam problemas sociais que afetam a qualidade de vida de seus habitantes. Os problemas sociais e ambientais têm sido recorrentes nas cidades brasileiras em geral, destacando-se a violência, a prostituição, o tráfico de drogas e a escassez de serviços básicos. Assim, essas mazelas também têm afetado a vida dos moradores de cidades pequenas. Como afirma Olanda (2008, p. 189),

as pequenas cidades não constituem ‘Eldorado de paz e tranquilidade’. Elas podem ter amenidades, se comparadas às cidades grandes pode-se pensar de modo equivocado que seus habitantes vivem num marasmo. A relação entre tempo-espaço é diferenciada dos grandes centros, contudo as contradições e desigualdades socioeconômicas continuam presentes e articuladas em diferentes escalas.

Além desses fatores, há outros a serem considerados ao falarmos de cidades pequenas como, por exemplo, a relação dessas com o campo. Essa ligação ainda é muito intensa, seja pela proximidade geográfica, seja atividades econômicas desenvolvidas. Nesse contexto, Sposito e Silva (2013) apontam que algumas dessas cidades funcionam como “locus residencial de trabalhadores do campo”, ou seja, o lugar onde as pessoas que trabalham no meio rural residem.

Há ainda cidades pequenas que se consolidaram como reserva de mão de obra, que desempenham funções de dormitório para trabalhadores de grandes metrópoles ou de cidades de porte médio, e tendem assim a assumir funções particulares no arranjo da rede urbana. Podem também se apresentar como ponto de comunicação com cidades de porte médio ou mesmo outros centros, mesmo que apresente dependência econômica.

Mediante o exposto, torna-se reconhecível a diversidade socioespacial presente na configuração de pequenas cidades. Essa heterogeneidade lhes confere distinções que justificam as pesquisas a seu respeito, pois cada cidade pode assumir feições particulares ao longo da rede urbana. Assumindo essa premissa como norteadora da práxis da pesquisa, enveredamos pelas trilhas da cidade de Timbaúba dos Batistas.

2.2 Pelas trilhas da cidade: desvendando a empiria

Este estudo contempla o Município de Timbaúba dos Batistas, localizado na Microrregião do Seridó Ocidental, na Mesorregião Central Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte. O seu território compreende uma área de 135,45 km² e sua localização corresponde as coordenadas geográficas de 6° 27' 52" Sul, 37° 16' 28" Oeste. Limita-se, ao norte, com São

Fernando e Jardim de Piranhas; ao Sul, com Serra Negra do Norte e Caicó; a Oeste, com Caicó e, a Leste, com Serra Negra do Norte (Figura 01).

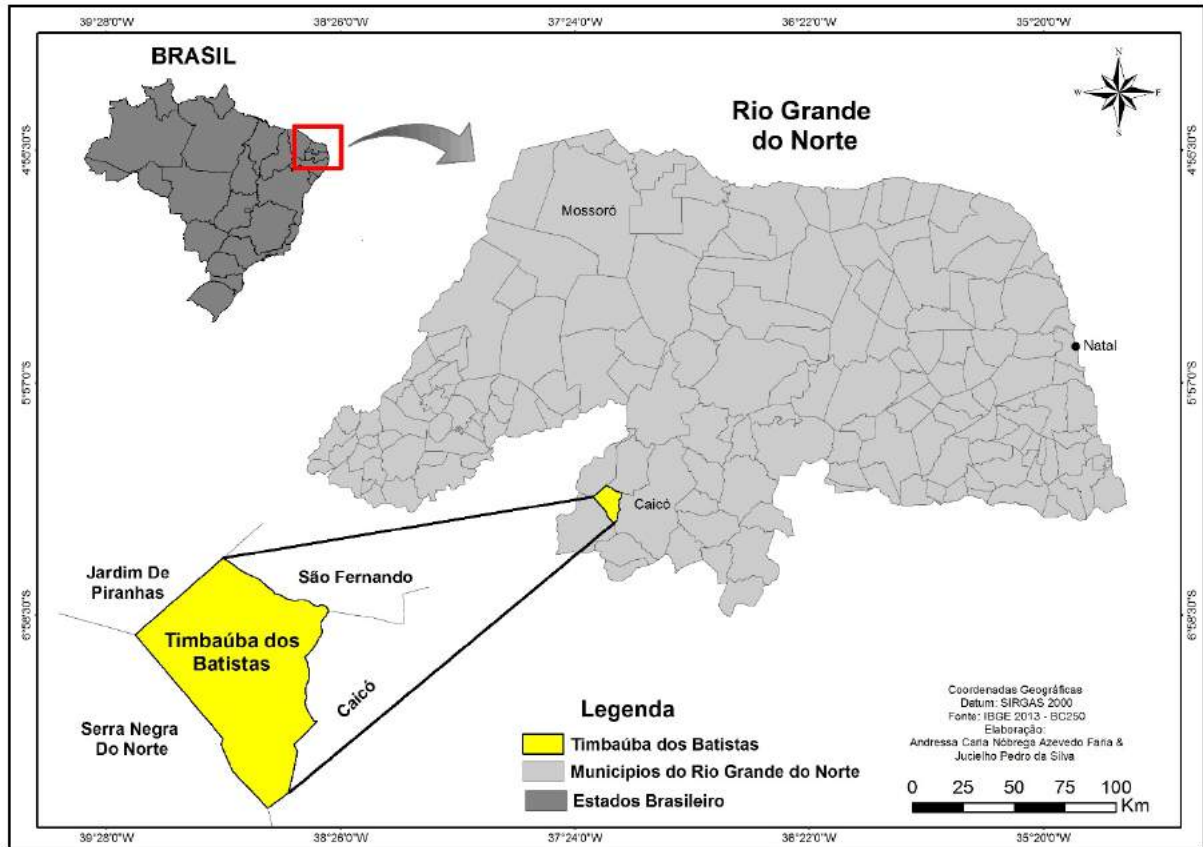


Figura 01 – Município de Timbaúba dos Batistas, no Rio Grande do Norte

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A localização geográfica de Timbaúba dos Batistas, em pleno Sertão Nordestino, confere ao município características físicas do Bioma Caatinga, que se constitui um dos sistemas ambientais intensamente transformados pelas atividades humanas. Em nível local, essas transformações estão associadas ao desenvolvimento da pecuária bovina, que requisita a formação de cercados e pastagens.

O clima é semiárido, com médias de temperatura que variam entre máxima de 30° C a 36° C e mínimas de 20° C a 22° C, aproximadamente. Apresenta de seis a oitos meses secos, sendo o período mais chuvoso de janeiro a junho (DINIZ; OLIVEIRA, 2015). A incidência de altas temperaturas o ano todo e o baixo índice pluviométrico resultam em um índice de evaporação maior que o de precipitação, contribuindo para a ocorrência de secas.

Quanto ao relevo, o município está inserido na Depressão interplanáltica, localizada entre a Serra João do Vale e o Planalto da Borborema. As altitudes são modestas, variando de 164 a 253 metros de altitude (RIO GRANDE DO NORTE, 2017).

O município encontra-se totalmente inserido nos domínios da Bacia Hidrográfica Piranhas-Açu, sendo banhado apenas por cursos d'água secundários que deságuam no Rio Piranhas. Seus principais tributários são, a Norte, o Riacho Cavalcante; a Sul, os Riachos do Logradouro, da Caraibeira e da Volta; a Leste, o Riacho dos Brandões; a Oeste, os Riachos Timbaúba e da Volta; na porção central, os Riachos do Tapuio e Encampinado. O principal açude, que abastece o município, é o Vida Nova (1.760.000m³), alimentado pelo Riacho da Volta (RIO GRANDE DO NORTE, 2017).

De acordo com o Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010), o município conta com uma população de 2.295 habitantes, sendo 1.728 moradores urbanos e 567 residentes rurais. A taxa de urbanização corresponde a 75,29 %. Assim, Timbaúba dos Batistas é uma das menores cidades do Rio Grande do Norte, tanto em população quanto em território. Atualmente, a cidade possui aproximadamente 25 ruas e em sua configuração territorial é possível identificar a existência de formas espaciais como o Centro e Áreas Periféricas.

O Centro da cidade de Timbaúba dos Batistas corresponde às Ruas Isabel de Brito, Rui Barbosa, Guilherme Soares, Padre João Maria, Major Cazuza e Ananias Batista Pereira, que cruzam com as Ruas José Clemente, Paulino Batista e Manoel Batista Pereira. Essas são as ruas que apresentam maior circulação de pessoas na cidade e concentram os estabelecimentos comerciais e de serviços. Nessa área, há também ocupação com fins residenciais, já que se trata de uma cidade pequena, além de mercadinhos, salões de beleza, lojas de roupa, padaria, casa lotérica, academia, entre outros empreendimentos.

As Áreas Periféricas de Timbaúba dos Batistas se enquadram como áreas de expansão contínua, pois se expandem em direção aos extremos da zona urbana. Essas áreas correspondem às ruas que não estão no polígono central e aos conjuntos habitacionais.

Na espacialização citadina, típica de um pequeno núcleo urbano, onde a ocupação do solo assume prioritariamente a função residencial, sobressaem equipamentos como igreja, escola, centro de saúde, ginásio e quadra de esportes, praça de eventos, centro de convivência, cemitério municipal, hotel, além de estabelecimentos comerciais. Como um marco do espaço urbano local, destacam-se a casa da bordadeira, a fábrica de produtos de limpeza e o jégódromo.

Assim, apresenta-se a organização do espaço urbano de Timbaúba dos Batistas. O município, apesar de sua diminuta extensão, resguarda características econômicas, sociais e culturais que denotam as particularidades do lugar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O produto da pesquisa realizada foi um livro paradidático voltado para o 6º ano do ensino fundamental, que contempla a temática espaço urbano tendo como referência a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas. Nessa perspectiva, articula-se aos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais² (1997) no tocante aos Temas Locais.

Sob a denominação de Temas Locais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.28) pretendem contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da escola. Dessa forma o estudo do lugar envolve principalmente as disciplinas de História e Geografia, podendo também ser adaptada as outras disciplinas dependendo do planejamento do professor.

A pesquisa realizada para fins de produção do livro paradidático, quanto aos objetivos, classifica-se como descritiva e analítica, assumindo uma abordagem qualitativa. E, como procedimentos técnicos, adota as pesquisas bibliográfica, documental e de campo para atender seus objetivos, por serem adequadas ao tipo de estudo realizado.

A pesquisa bibliográfica foi realizada na perspectiva das abordagens teórico-conceituais sobre ensino de Geografia, livro didático, livro paradidático, cidade, urbano, paisagem e lugar. O ensino de Geografia e a Educação Geográfica foram discutidos a partir de Cavalcanti (2002, 2010, 2012 e 2013), Castellar (2005) e Callai (2005) que tratam da valorização do cotidiano e do lugar do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

As abordagens conceituais sobre cidade e urbano basearam-se em Carlos (1999) e Corrêa (1986 e 1989), este especialmente no que se refere aos processos espaciais urbanos e aos termos centro e periferia. No que concerne à discussão acerca do tema pequena cidade, os aportes teóricos foram Sposito e Silva (2013), Endlich (2011) e Fresca (2001, 2008).

Na perspectiva de articular os conceitos de cidade, paisagem e lugar, buscou-se aportes em Dardel (2001), Carlos (2007), Santos (2014) e Gomes (2013). O conceito de paisagem foi abordado a partir da concepção de Dardel (2011), que a define como um conjunto de elementos que representa uma sociedade em um momento histórico, e dos autores já mencionados na discussão sobre o ensino de Geografia, que consideram ser a análise da paisagem o ponto de partida para a Educação Geográfica. Quanto ao conceito de lugar,

² Apresentação dos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>, acessado em novembro de 2018.

associado ao espaço vivido e as experiências dos sujeitos, os autores que fundamentarem a abordagem foram Carlos (2007), Santos (2014) e Gomes (2013).

A pesquisa historiográfica em publicações e trabalhos acadêmicos foi utilizada com o objetivo de se obter informações relativas ao Município de Timbaúba dos Batistas, a Região do Seridó e ao Estado do Rio Grande do Norte. Entre os autores pesquisados, mencionam-se Moraes (1999, 2005), que analisa aspectos relativos a Caicó e ao Seridó numa perspectiva histórico-geográfica; Cascudo (1968) e Medeiros Filho (2002), que tratam da origem dos municípios norte-rio-grandenses; e Medeiros (2005), que aborda a origem das cidades do Seridó. Acrescente-se como fontes de pesquisa as produções locais que versam sobre Timbaúba dos Batistas, quais sejam Araújo et al (1997), Azevedo e Silva (1996), Araújo (2006), Lucena (2017).

Quanto aos aspectos físicos do município, as descrições foram feitas com base em Diniz e Oliveira (2015) e Felipe (1978), que abordam tais aspectos em relação ao Seridó potiguar. Também se recorreu ao Plano de Saneamento Básico de Timbaúba dos Batistas (2017), que apresenta dados sobre o município.

A pesquisa documental foi realizada na perspectiva dos temas ensino de Geografia e livro paradidático, e fundamentou-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001) e no Plano Nacional do Livro Didático 2017 (BRASIL, 2016).

Fontes memorialistas, representadas por Formiga (2017), Silva (2017), foram utilizadas na perspectiva de coletar informações sobre os aspectos históricos, culturais e sociais do Município de Timbaúba dos Batistas. Recorremos ainda ao uso de manuscritos, inclusive biografias³, visando a identificação de prédios, e ainda textos⁴, que relatam a origem das festas e algumas obras de ex-prefeitos.

A pesquisa de campo foi um procedimento utilizado via realização de entrevistas com moradores e professores da localidade e com pessoas que exerceram e exercem influência na política local. Esse procedimento teve como objetivo de obter informações sobre os aspectos econômicos, as manifestações culturais e a expansão da área urbana do município alvo da pesquisa.

No que concerne à origem e história de Timbaúba dos Batistas, foi realizada entrevista, no dia 20 de agosto de 2017, com o senhor Antônio Pereira de Azevêdo, morador, ex-funcionário público municipal, inclusive coautor do livro *José Batista de Araújo: A figura*

³ Nas biografias pesquisadas não foi possível identificar a autoria e a numeração de páginas. Tivemos acesso aos documentos por meio da concessão realizada pela Creche Municipal Heridimar Batista de Azevêdo.

⁴ Não apresentam datação nem número de páginas e a consulta foi concedida pelos próprios autores.

de um patriarca. Quanto ao processo de expansão urbana, foi realizada entrevista, no dia 20 de agosto de 2017, com Dinaldo Batista de Araújo, prefeito de Timbaúba nas gestões de 1983-1988 e 1989-1996. E com José Nazareno Batistas, prefeito nas gestões 1997 – 2000 e 2001 a 2004, no dia 30 de julho de 2018.

As informações sobre as manifestações culturais foram coletadas por meio de entrevistas. No que concerne à Caminhada de São Severino Mártir, realizada durante a festa do padroeiro local, foi realizada entrevista com o radialista caicoense Gilberto Fernandes, um dos responsáveis pela realização do evento, no dia 15 de maio de 2018. No que se refere ao João Pedro da Maloca, foi entrevistado Gilberto Braz de Araújo, idealizador do evento, no dia 18 de julho de 2018. E Paulo Ricardo de Medeiros, a respeito da Banda Filarmônica Elinó Julião, do qual é membro desde a sua fundação, no dia 18 de julho de 2018. Além da pedagoga municipal Suzana Andrea de Araújo Ginani, filha de Maria Dalva de Azevedo, que denomina o Ginásio Poliesportivo da cidade. As informações sobre as Igrejas Evangélicas existentes em Timbaúba dos Batistas (Primeira Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas e Assembleia de Deus) foram obtidas junto a Maria Aparecida do Nascimento (secretária da Assembleia de Deus) e Juscelino Pereira de Souza (presidente da Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas).

Após a coleta dos dados, procedeu-se a sistematização dos conteúdos, procurando articular as referências teóricas, os documentos escritos e iconográficos, além dos discursos obtidos por meio das entrevistas. Assim, o percurso metodológico desta pesquisa conduziu à produção do livro paradidático sobre a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas, elaborado com uma linguagem adequada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. A obra apresenta uma proposta metodológica composta por um conjunto de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula e em campo baseadas na leitura do livro.

As etapas idealizadas para construção do livro paradidático consistiram inicialmente em buscar fontes históricas sobre o município que pudessem servir de base para construção do referido produto, para, assim, poder descrever a formação socioespacial de Timbaúba dos Batistas, onde podemos afirmar que foi a parte de maior dificuldade em virtude da ausência de fontes que dessem suporte teórico à constituição do livro. Para isso fez-se necessário recorrer a todas as fontes escritas publicadas – e não publicadas – disponíveis na cidade, que se apresentassem como fonte de pesquisa

Com essa finalidade, utilizou-se diversos tipos de materiais, como livros de genealogia, cordel, biografia comemorativa – neste caso, a Biografia Eugênia: 1917 – 2017, sobre a filha de Isabel de Brito, responsável pela construção da capela da cidade de Timbaúba

–, além de monografias, documentos e textos manuscritos. Essa fase inicial foi de grande dificuldade, uma vez que as fontes existentes não eram suficientes para a confecção do produto a ser desenvolvido, no entanto foi essa faceta que possibilitou a originalidade desse livro paradidático. A partir do conjunto dos dados fornecidos por essas fontes, foi possível dar respaldo histórico à pesquisa, o que é bastante enfatizado no primeiro e no terceiro capítulo.

A segunda etapa de elaboração consistiu num árduo trabalho de campo por toda cidade, fazendo um reconhecimento mais preciso do espaço urbano, no qual fez-se necessário a coleta das fotos das ruas do centro da cidade e das zonas periféricas para assim identificar os principais equipamentos urbanos e o papel que cada uma desempenhou no processo de expansão urbana, principalmente no tocante à valorização das áreas mais distantes, que foram integradas à cidade mais recentemente.

Realizou-se também uma interpretação e comparação de fotos antigas e recentes, por meio das quais foi possível identificar as mudanças na estrutura urbana e na paisagem urbana local. Esse trabalho da coleta de fotos, embora tenha sido mais direcionado para a construção do segundo capítulo, serviu para toda produção do livro, pois, devido à carência de fontes, a utilização das imagens antigas junto aos discursos dos entrevistados foi dando sentido à execução da pesquisa. Essa fase foi bastante difícil, pois fez-se necessário articular os dados obtidos na pesquisa de campo e nas entrevistas.

A terceira e última etapa consistiu na organização e sistematização das informações obtidas durante as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Buscou-se, nessa fase, estabelecer nas informações do livro uma linguagem que fosse condizente com seu público-alvo, ou seja, os alunos do 6º ano. Foram acrescentadas ao material ilustrações, para despertar nos discentes o desejo tanto pela leitura da fonte didática quanto por mais conhecimento sobre o lugar onde habita.

Mediante as ações desenvolvidas temos uma produção paradidática inédita sobre a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas, que foi elaborada focando principalmente a aprendizagem significativa do aluno sobre a Geografia do Lugar.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A produção de um livro paradidático, que apresente uma análise teórica e empírica do lugar de moradia dos alunos, requer a busca de conhecimento acerca da história, da cultura e da geografia desse espaço. Quando esses aspectos são desconhecidos por parte do autor, a elaboração da obra exige maior atenção para que não sejam apresentados de forma superficial ou que não correspondam à realidade do espaço em análise.

A experiência em sala de aula possibilita afirmar que a Geografia Escolar ainda é baseada em realidades distantes daquela vivida pelos alunos. Dessa forma, para a realidade educacional na qual esta professora-pesquisadora se insere, ensinar geografia com auxílio de um material paradidático específico sobre o lugar será uma experiência inédita no município de Timbaúba dos Batistas.

Assim, para a elaboração de um livro paradidático que analisa a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas se fez necessário conhecer mais sobre os conceitos de lugar, paisagem e cidade, considerando a importância do ensino de Geografia, da Geografia Escolar como disciplina.

Foi possível diagnosticar, mediante anos de experiência e embasado nas leituras que serviram de base para elaboração do produto, que o Lugar é a principal referência de análise para se estudar o espaço, a realidade vivida pelos alunos, delineando perspectivas de um ensino comprometido com a Educação Geográfica. Assim, conhecer mais sobre o lugar de origem poderá incentivar os alunos a buscar novos conhecimentos e estabelecer as comparações necessárias em diferentes escalas, como prega a Geografia Escolar.

Nas paisagens podemos identificar as marcas do tempo e, por meio das fontes iconográficas, percebe-se também as modificações do espaço urbano que deram origem à paisagem atual, envolvendo atores que foram responsáveis por tais modificações. Desse modo, independentemente de paixões políticas, acredita-se que todas as obras sempre visaram uma melhoria da qualidade de vida dos habitantes de Timbaúba dos Batistas.

Embora seja uma cidade pequena, Timbaúba dos Batistas apresenta uma condição urbana própria, a qual lhe confere uma identidade. Nesse contexto, é válido ressaltar que a metodologia permitiu estudar o pequeno nicho urbano, mesmo que não apresente bairros definidos. Por isso, foi feita a divisão e análise do centro e das zonas periféricas, o que permitiu mostrar o perfil citadino do lugar.

As informações aqui apresentadas dão conta de todas as ações desenvolvidas para que o livro paradidático sobre a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas fosse concretizado. E os resultados dessa produção didática podem ser expressos em três perspectivas:

Na perspectiva do aluno: pode-se afirmar que este terá acesso a um material didático linguagem acessível sobre o lugar, com informações antes desconhecidas por eles, tendo em vista a ausência de fontes direcionadas ao ensino. Assim, ele poderá entender melhor os conceitos que são trabalhados em sala de aula, uma vez que têm como base seu lugar de origem.

Na perspectiva do professor: elaborou-se material teórico com informações direcionadas sobre a Geografia do Lugar, a partir das quais o professor também poderá trabalhar não só no 6º ano do Ensino Fundamental, mas em qualquer turma caso queira usar como base os conceitos de lugar, paisagem ou cidade, tendo a cidade de Timbaúba dos Batistas como exemplo, tudo vai depender dos objetivos planejados pelo docente. E a partir das informações contidas no livro, poderá desenvolver várias atividades, pondo em prática o que foi estudado.

Na perspectiva do produto: obteve-se, no caso do livro paradidático, resultados bastante positivos, uma vez que o município passará a ter um recurso didático sobre a Geografia do Lugar, que pode ser utilizado como fonte de pesquisa, já que se trata de um produto informativo.

Os resultados obtidos nesta pesquisa foram sistematizados no livro paradidático *Pelas trilhas da cidade: a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas*. A obra é composta por cinco capítulos, quais sejam:

“Timbaúba dos Batistas”: marcos do processo de formação socioespacial, no qual são evidenciados aspectos históricos associados ao processo de ocupação do lugar por meio da Fazenda Timbaúba, que deu origem a aglomeração humana que se fez núcleo urbano e sede do território que foi emancipado, constituindo-se município.

“Configuração urbana de Timbaúba dos Batistas”: analisa a relação entre população, economia e espacialização na perspectiva do processo de construção da cidade. No âmbito deste processo, enfatiza-se a organização espacial urbana em centro e áreas periféricas, destacando-se os elementos do urbano, suas formas e funções, bem como o conteúdo político, econômico e cultural que se entrelaça na paisagem cidadina.

“Manifestações Culturais de Timbaúba dos Batistas”: arte, técnica e festejos forjam a identidade do lugar, no qual se apresentam os ícones da cultura local representados pelo

bordado, pelas festas, pelas práticas religiosas e pela música. Esse acervo se constitui em um patrimônio cultural do timbaubense, cuja representatividade assume também uma feição econômica que se associa a dimensão simbólica.

“Eliano Julião: o timbaubense imortalizado”: retrata um pouco da vida e das obras do artista e como sua vida se encontra materializada no âmbito da cidade.

“A Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas como Proposta Metodológica”: apresenta uma proposta metodológica para os professores, com sugestões de atividades para serem desenvolvidas com os alunos, buscando dinamizar os conhecimentos adquiridos por meio de uma leitura didática e interativa do livro.

Enfim, após percorrer o caminho que levou à produção do livro paradidático sobre a Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas, espera-se que essa obra desperte no aluno o interesse pela leitura e permita o exercício da sua capacidade de interpretação, o que contribui também para o entendimento de outras disciplinas. E, por meio do conhecimento da Geografia do Lugar, que o aluno seja capaz de proceder a leitura da paisagem local e assim construir uma aprendizagem significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório de pesquisa, intitulado *A Elaboração de um livro paradidático para o ensino de Geografia*, é o resultado de uma busca teórica que relaciona o conceito de lugar e paisagem para a produção de um recurso didático na área de Metodologia do ensino de Geografia, para ser utilizado nas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Com o desenvolvimento da pesquisa, pode-se afirmar que esses conceitos são essenciais para que os alunos consigam entender o que a Geografia Escolar tanto prega: reconhecer seu espaço de vivência e estabelecer comparações entre esse lugar e outros, com escalas maiores, sejam estas regionais, sejam globais.

A pesquisa apresenta no seu delineamento teórico um embasamento nos conceitos de lugar e paisagem voltados para o ensino de Geografia, e busca associá-los à produção do recurso didático focado na Geografia Urbana de Timbaúba dos Batistas. Sabendo que o município se caracteriza como cidade pequena, trouxemos também um pequeno ensaio sobre o estudo sobre o tema cidades pequenas, ainda pouco debatido, sobretudo quando se trata de usar essa conceituação no ensino básico. Também foi descrita a caracterização dessa área de pesquisa, envolvendo alguns aspectos físicos, econômicos e sociais, que foi de grande relevância para o desenvolvimento e sistematização das informações contidas no livro.

As entrevistas realizadas com pessoas do lugar foram de grande valia não só para a produção do livro, mas para consolidar ainda mais os conhecimentos sobre os espaços de vivência dos alunos e assim poder dividir com eles o conhecimento dessa realidade geográfica. Nesse sentido, foi uma forma de conhecer melhor os aspectos políticos, sociais, econômicos e históricos que se fazem presente no cotidiano timbaubense, o que contribuiu para o desempenho desta professora-pesquisadora em suas funções de lecionar e saber atuar na formação do conhecimento geográfico dos alunos, premissa que aparece em todos os documentos que regulamentam o ensino básico no país.

A pesquisa desenvolvida coloca ao dispor dos alunos uma produção literária informativa que vem aprimorar os conhecimentos sobre o lugar onde habitam, além de possibilitar a comparação dessa realidade com a de outros lugares, o que não deixa de ser uma opção didático-metodológica. Dessa forma, dá oportunidade ao professor de trabalhar com a realidade local, já que os livros didáticos adotados, por serem de caráter nacional, não retratam a realidade vivida pelos discentes.

Tal metodologia é de extrema relevância para o ensino de Geografia, considerando que este deve se pautar na realidade de vida dos alunos. Para isso, tem como princípio a interpretação da paisagem (urbana) e todas as contribuições que essa pode oferecer para a construção de uma aprendizagem significativa.

A produção do material paradidático sobre Timbaúba dos Batistas é vista como uma inovação dos recursos didáticos para o ensino de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental. A novidade está nos alunos poderem contar com um livro que retrate a geografia da cidade onde moram, o que nunca aconteceu antes, comparar mudanças nas paisagens e aprender sobre a função que desempenham certos espaços da sua cidade.

As dificuldades nas buscas de certas informações, os obstáculos que apareceram nesse percurso serviram como incentivos para que o trabalho fosse concluído com informações que lhe concederam o verdadeiro escopo científico. É necessário reconhecer que muitas informações utilizadas nesta pesquisa estavam sujeitas ao desaparecimento, o que torna este trabalho uma experiência exitosa, pois foi possível resgatar histórias, fatos e até imagens que poderão, a partir de então, ser transmitidas de geração para geração.

A contribuição do material produzido, acerca do ensino de Geografia, coloca essa área do ensino como uma possibilidade de ensinar sobre a cidade e a paisagem urbana de Timbaúba dos Batistas, para o 6º ano do Ensino Fundamental. Além disso, possibilita o desencadeamento de outras experiências didáticas, visto que a metodologia apresentada nessa produção pode ser usada, integralmente ou parcialmente, pelos professores de outras áreas ou disciplinas, por meio de adaptações, de acordo com o seu planejamento.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. Ensino de Geografia: Livros Didáticos e Currículos. In: VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula et al. (Org.). **Cultura, educação, espaço e tempo**. Fortaleza: Edições UFCE, 2011.
- ARAÚJO, Ionara Fábila de et al. Os engenhos da terra dos Batistas. In: MEDEIROS, Maria das Dores (Org.). **Seridó antigo: história e cotidiano**. Natal: Editora da UFRN, 1997.
- ARAÚJO, José Ernestino de. **Enterolobium timbouva: literatura de cordel**. Timbaúba dos Batistas: [s.n.], 2006.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. O livro didático e o ensino de Geografia: qual o livro? In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Org.). **Geografia na sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999. p. 61-76.
- AZEVEDO, Antônio Pereira de Azevedo; SILVA, Arysson Soares da Silva. **José Batista dos Santos: a figura de um patriarca**. [S,l]: Cartgraf editora, 1996.
- AZEVEDO, Sandra de Castro; ALMEIDA, Cilene Gomes Brito. O paradidático como instrumento facilitador no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 4, n. 6, p. 139-148, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.6/Rel1av4n6.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental): geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**: Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **PNLD 2017: geografia – ensino fundamental anos finais**. Brasília: MEC/SEB, 2016.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://ceved.org.br/biblioteca/aprendendo-ler-o-mundo-geografia-nos-anos-iniciais-ensino-fundamental>>. Acesso em: 7 mar. 2017.
- _____. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análises. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Org.). **Geografia na sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999. p. 57-63.
- _____. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Org.). **Geografia na sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999. p. 75-80.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999. (Coleção Repensando a Geografia).

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCCH, 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

CASCUDO, Luís da Câmara. Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzela. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v25n66/a05v2566.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

_____. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre ensino de Geografia na vida urbana cotidiana. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

_____. **Temas da geografia na escola básica**. Campinas: Papyrus, 2013.

COPATTI, Carina. Livro didático e o professor de geografia: interações na prática de ensino. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (Org.). **O livro didático de geografia e os aspectos da docência para a aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 155-176.

CORRÊA, Roberto Lobato. A periferia urbana. **GEOSUL**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 70-78, 1986. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12551/11859>>. Acesso em: 5 abr. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/File/1255-1/11859>>. Acessado em abril de 2018.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Cultura e espaço urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, edição comemorativa, p. 149-156. 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6143/4415>>. Acesso em: 5 maio 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectivas, 2011.

DINIZ; M. T. M; OLIVEIRA G. P de. Compartimentação e caracterização das unidades de paisagem do Seridó Potiguar. **Brazilian Geographical Journal: geosciences and humanities research medium**, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 291-318, 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/28895>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

ENDLICH, Angela Maria. Território e morfologia de cidades pequenas: o que revelam? **Revista Geográfica da América Central**, Costa Rica, n. esp. EGAL, p. 1-14, 2011. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/48868339.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. Produção e uso de material didático. In: ALVEAL, Carmem Margarida de Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato de Araújo (Org.). **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 293-330.

FORMIGA, Conceição Medeiros. **Eugênia Brito de Medeiros: centenário 1917 – 2017**. Teresina: Halley S. A. Gráfica, 2017.

FRESCA, Tânia Maria. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/10212/9028>>. Acesso em: 3 fev. de 2018.

_____. Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator** - número especial, 2010: dez. p. 75 a 81. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398/310>>. Acesso em: 14 maio 2018.

LAGUNA, Alzira Guiomar. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno leitor. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 2, p. 43-52, ago. 2012. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/81>. Acesso em: 20 de abril 2018.

LAJOLO, Mariza. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, Brasília, ano 16, n. 96, jan./mar. 1996. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001398.pdf>>. Acesso: 12 jan. 2018.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2011.

MACEDO, Helder Alexandre de Medeiros. De onde constrói uma história local: aspectos da produção e da utilização do ensino de história. In: ALVEAL, Carmem Margarida de Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato de Araújo (Org.). **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 57-81.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Cronologias seridoenses**. [S.l]: Fundação Guimarães Duque, 2002.

MEDEIROS, Maria Suely da Silva. **A produção do espaço em pequenas cidades do Seridó Potiguar**. Natal. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MariaSSM.pdf>>. Acesso: 20 ago. 2017.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade**: Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999.

_____. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: Ed. do autor, 2005.

OLANDA, Elson Rodrigues. A pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido na geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p.183-191, ago. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4699/3956>>. Acesso em: 12 de abr. 2018.

PRECIOSO, Nathalia Lemos; SALOMÃO, Simone Rocha. Leitura em aulas de Ciências: a contribuição dos livros paradidáticos. **Revista da SBEnBIO**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 5969-5977, out. 2014. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0519-1.pdf>>. Acesso: 15 maio 2018.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Prefeitura Municipal de Timbaúba dos Batistas. **Plano municipal de saneamento básico do município de Timbaúba dos Batistas**: diagnóstico preliminar técnico-participativo. Disponível em: <<http://timbaubadosbatistas.rn.gov.br/admin/tinyfinder/assets/uploads/file/rjf5lc5m.pdf>>. Acessado em: 6 nov. 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 313 – 327.

SOUZA, Paulo César da Costa. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 43 – 132.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. **Cidades pequenas**: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

VESENTINI, José Willian. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Editora do autor, 2008.

VIEIRA, Noemia Ramos. Elementos teóricos e metodológicos do ensino de Geografia: uma contribuição à epistemologia de Geografia Escolar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Geografia na sala de aula**: linguagens, conceitos e temas. Curitiba: CRV, 2016. p. 301-316.

APÊNDICE

**APÊNDICE A - LIVRO *PELAS TRILHAS DA CIDADE*: A GEOGRAFIA URBANA
DE TIMBAÚBA DOS BATISTAS**

Pelas trilhas da cidade: A geografia urbana de

Timbaúba dos Batistas



Andressa Carla Nóbrega de Azevedo Faria

Timbaúba

Pelas trilhas da cidade: A geografia urbana de

Timbaúba dos Batistas

Andressa Carla Nóbrega de Azevedo Faria

CRÉDITOS

Tâmara Batista

Ilustradora

Ana Paula M. B. Gadelha

Leide Jane C. Vieira

Revisão

Anderson Gomes do Nascimento

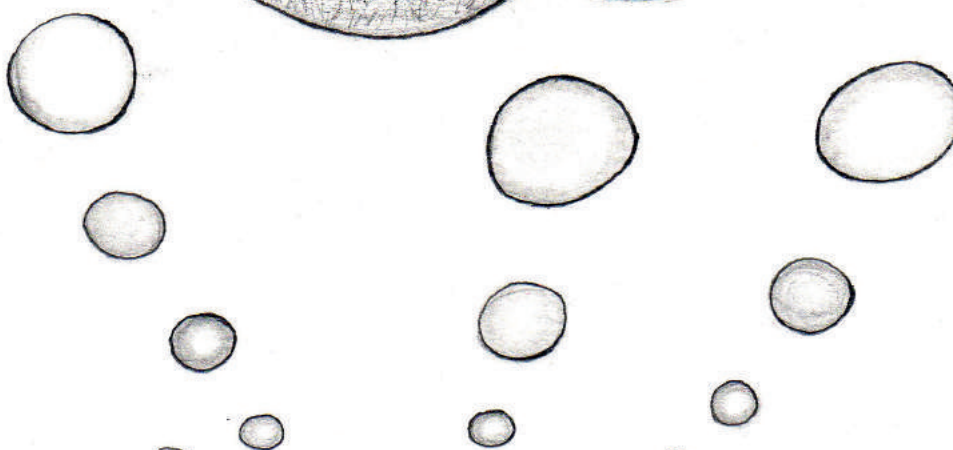
Diagramação

*Aos meus alunos,
fonte de inspira  o
para a elabora  o
deste livro.*

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – TIMBAÚBA DOS BATISTAS: MARCOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL	9
CAPÍTULO 2 – CONFIGURAÇÃO URBANA DE TIMBAÚBA DOS BATISTAS	19
Pelos meandros da cidade: a configuração do Centro	22
Pelos meandros da cidade: a configuração das Áreas Periféricas	28
Zona Norte	29
Zona Sul	34
Zona Leste	35
Zona Oeste	40
CAPÍTULO 3 – MANIFESTAÇÕES CULTURAIS URBANAS: ÍCONES TIMBAUBENSES	45
Bordado de Timbaúba dos Batistas: arte e técnica na tessitura de uma produção identitária	47
Festa de São Severino Mártir: Padroeiro do Município	50
Outras manifestações religiosas	52
A Corrida de Jegues de Timbaúba dos Batistas	53
Outras festividades	56
CAPÍTULO 4 – ELINO JULIÃO: O TIMBAUBENSE IMORTALIZADO	61
CAPÍTULO 5 – A GEOGRAFIA URBANA DE TIMBAÚBA DOS BATISTAS COMO PROPOSTA METODOLÓGICA	67
REFERÊNCIAS	73

Timbaúba dos Batistas: Marcos do Processo de formação socioespacial.

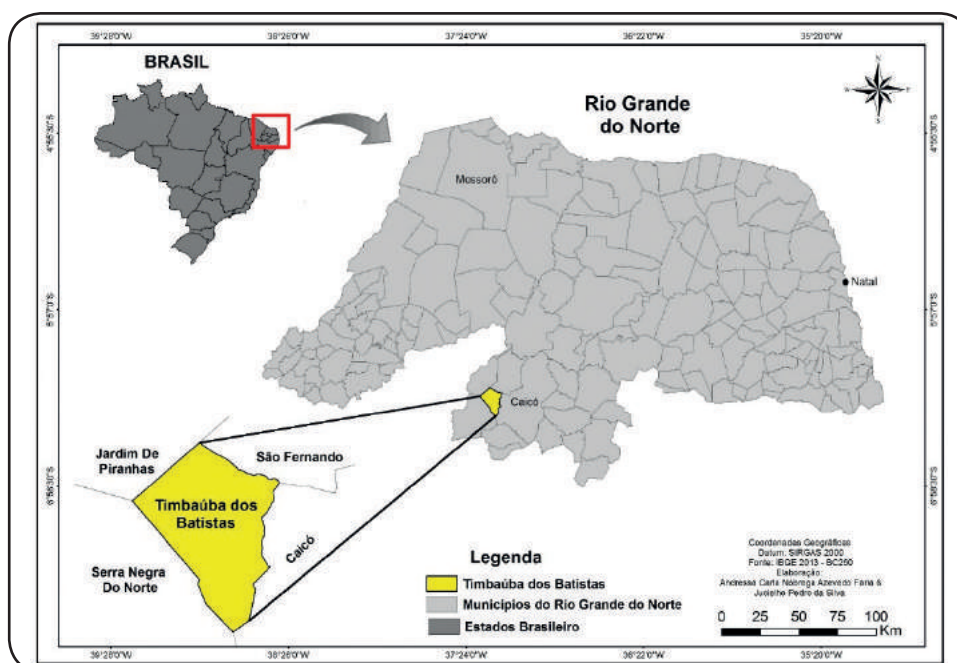




CAPÍTULO 1 – TIMBAÚBA DOS BATISTAS: MARCOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL

Timbaúba dos Batistas é um pequeno município do interior do Rio Grande do Norte, localizado na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Ocidental. Limita-se, ao Norte, com São Fernando e Jardim de Piranhas; ao Sul, com Serra Nvegra do Norte e Caicó; a Oeste, com Caicó e, a Leste, com Serra Negra do Norte (Figura 1).

Figura 1 – Município de Timbaúba dos Batistas-RN.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Trata-se de um dos menores municípios do Rio Grande do Norte. Sua área corresponde a 135,45 km² e, segundo o Censo de 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018), sua população é constituída por 2.295 habitantes, dos quais 1.728 moradores urbanos e 567 residentes rurais, sendo a taxa de urbanização de 75,29%.

O surgimento de Timbaúba dos Batistas remete à posse de terra da antiga Fazenda Timbaúba, local de residência de José Batista dos Santos, considerado o fundador da municipalidade. José Batista dos Santos era natural da localidade de Conceição do Azevedo, atual município de Jardim do Seridó, e, ao se casar com Josefa Freire de Medeiros, em 1818, constituiu uma família composta de 16 filhos, que teve a Fazenda Timbaúba como local de residência.

A Fazenda Timbaúba localizava-se às margens do Riacho Timbaúba, afluente do Rio Piranhas. A localização da fazenda nas proximidades do riacho e a fertilidade do solo possibilitaram

a plantação de canaviais, o que concedeu a esse pedaço do Seridó uma identidade relativamente diferenciada na região, até então conhecida, sobretudo, pela atividade pecuarista.

Ainda como fazenda, o lugar, que se tornou bastante conhecido nas redondezas pela atividade canavieira, também desenvolveu a criação de gado, de forma complementar. Essa propriedade foi a maior produtora de rapadura, mel de engenho e aguardente do Seridó, produtos que eram comercializados na região e nas circunvizinhanças. O trabalho da moagem da cana, realizado com o auxílio de bois, era árduo e demorado, chegando a atingir 16 h por dia.

O contrato de trabalho era feito por diária e o pagamento em dinheiro, sendo complementado com rapadura, garapa e pés de gamela (resto do doce que ficava grudado nas gamelas, ou seja, nas formas da rapadura). No processo de produção da cana, tudo era aproveitado, desde o bagaço até a tiborna, o chamado “mel sujo”, que servia para a alimentação dos animais (ARAÚJO et al, 1997).

Até 1930, aproximadamente, a localidade contava com oito engenhos, o que lhe conferia posição de destaque no que se refere à atividade canavieira no Seridó. Além da Fazenda Timbaúba, os sítios Currais, Vida Nova, Cachoeira, Lagoinha, Toco, Encampinado e Baixio também produziam a cana de açúcar e seus derivados. Em 1942, Anfilóquio da Câmara afirmou que Timbaúba estava situada num dos pontos mais ricos da Região do Seridó (CASCUDO, 1968, p. 262).

Como as terras da Fazenda Timbaúba pertenciam ao Município de Caicó, era comum aos que ali moravam se deslocarem frequentemente a essa cidade para ter acesso a feiras, atendimento médico, serviços de educação, festas, entre outros. Alguns moradores da localidade, principalmente os que tinham melhores condições econômicas, possuíam mais de uma casa, sendo a “casa da rua” aquela existente na Cidade de Caicó.

A dinâmica das atividades produtivas baseada na produção canavieira e na criação de gado lentamente impulsionou um processo de aglomeração humana na Fazenda Timbaúba. Ademais, essa aglomeração também foi estimulada graças ao casamento entre primos e parentes que se fixaram no local, em tempos de famílias com prole numerosa.

Não obstante a importância que teve a aglomeração humana na Fazenda Timbaúba para a formação da área que foi posteriormente alçada à condição de cidade, um marco desse processo de formação do espaço urbano foi a construção da Capela de São Severino Mártir, inaugurada em 30 de janeiro de 1930. A partir de sua edificação, foram surgindo as primeiras residências e, por conseguinte, os esboços de arruamentos. Assim, além de símbolo desse processo, a igreja representa uma manifestação da religiosidade popular, traço característico da identidade cultural do Seridó.

Por dentro da história!

José Batista dos Santos era filho de João Batista dos Santos e Maria Marcelina da Conceição e neto de Antônio de Azevedo Maia (2º), fundador da Vila Conceição (atual Cidade de Jardim do Seridó); família afortunada e tradicionalmente conhecida pela criação de gado. Em 1833, José Batista dos Santos construiu a primeira casa de tijolos na Fazenda Timbaúba (Figura 2), perto do riacho de mesmo nome.

José Batista dos Santos era comerciante de gado, inclusive nos estados do Maranhão e Piauí. Em 1831 foi nomeado Capitão da Guarda Nacional do Seridó e teve grande atuação política na região. Além de apreciador de cachaça, era possuidor de uma voz alta e estrondosa, o que imprimia temor pelo seu tom; possivelmente reside neste fato a construção no imaginário popular de que Timbaúba dos Batistas é um lugar onde as pessoas apreciam aguardente e falam alto (AZEVEDO; SILVA, 1996).

A extensa prole do casal fixou-se na Fazenda Timbaúba e em localidades vizinhas, originando a tradicional família Batista na Região do Seridó.

Figura 2 – Casa de José Batista dos Santos, fundador de Timbaúba dos Batistas.



Fonte: Araújo (2006).

Por dentro da história!

A construção da Capela de São Severino Mártir decorreu de uma promessa feita por Isabel Isaura de Brito, filha de Manoel Sabino de Araújo e Josefa Veneranda de Araújo. Isabel (Figura 3), casada já há três anos com Isaías Sérgio de Brito, primeiro comerciante do lugar, fez uma promessa a São Severino Mártir de que, caso conseguisse dar à luz a um filho, construiria uma capela em sua homenagem (FORMIGA, 2017).

Figura 3 – Isabel Isaura de Brito juntamente com seu esposo e filha [192-?].



Fonte: Azevêdo (2017).

Obtida a graça, Isabel arrecadou recursos com parentes e conhecidos da família para a construção da capela, cuja pedra fundamental foi colocada em 30 de outubro de 1929 pelo Padre Bianor Aranha, Pároco de Caicó, primeiro sacerdote a assumir os serviços pastorais na localidade. Assim, São Severino Mártir tornou-se o padroeiro da cidade e, em 30 de janeiro de 1930, a capela foi inaugurada (FORMIGA, 2017).

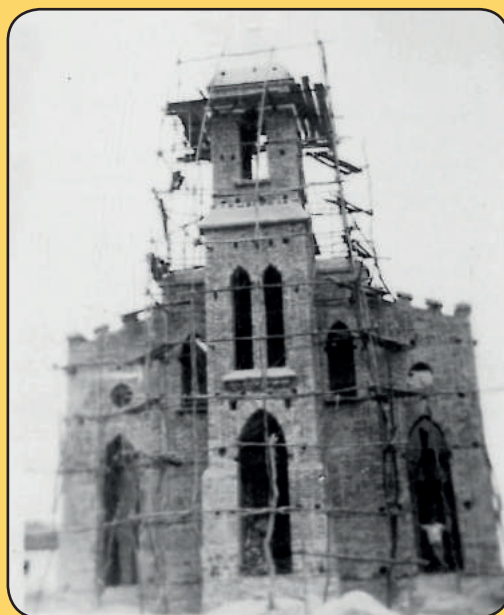
Figura 4 – Capela de São Severino Mártir [193?].



Fonte: Formiga (2017).

Em 1952, a Capela de São Severino Mártir passou por uma reforma (Figura 5), adquirindo o tamanho e as formas atuais. Em 1953, reabriu suas portas e tornou-se Igreja Matriz de São Severino Mártir.

Figura 5 – Reforma da Capela de São Severino Mártir em 1952.



Fonte: Silva (2017).

A primeira festa em honra a São Severino Mártir foi realizada em novembro de 1944, organizada por Frei Diogo, vigário da Matriz de Nossa Senhora do Ó, do Município de Serra Negra do Norte. A partir do início da década de 1980, a festa passou a ser celebrada em dezembro.

*Até a década de 1950, a comunidade não dispunha de uma imagem de São Severino Mártir, sendo este reverenciado por meio de um quadro, do qual não se tem notícia. A imagem atual do santo foi adquirida em Recife, pelo Monsenhor Walfredo Gurgel, que dava assistência religiosa à comunidade.**

* Essas informações foram retiradas de documentos de Laudo Esdras Pereira, que não dispõem de datação. O acesso ao documento foi possibilitado por Rivaldo Alves em março de 2018.

Após a construção da Capela, uma outra edificação importante para a localidade em formação foi a construção do Grupo Escolar José Batista dos Santos, em 1936. Era uma escola de nível primário (correspondente a alfabetização e os cinco primeiros anos do ensino fundamental na atualidade), que preparava os alunos para o exame de admissão, processo seletivo que permitia o ingresso do aluno no ginásio (correspondente ao ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental atualmente). A referida escola situava-se à Rua Guilherme Soares, endereço onde atualmente funciona a Casa de Cultura Popular Elino Julião.

Do ponto de vista político-administrativo, dois marcos importantes para a localidade de Timbaúba dos Batistas ocorreram entre as décadas de 1950 e 1960. O primeiro foi a sua elevação a categoria de Distrito Judiciário, pertencente a Caicó, no dia 5 de dezembro de 1958, pela Lei Estadual nº 2320. O segundo, de relevância ainda maior, foi a emancipação política do município, em 10 de maio de 1962, por meio da Lei nº 2.774, assinada pelo Governador Aluizio Alves (MORAIS, 2005). Assim, o Município de Timbaúba dos Batistas, cujo território foi desmembrado de Caicó, foi instalado em 1 de janeiro de 1963, tendo como primeiro Prefeito Hisbello Batista de Araújo.

Sob o estatuto de município, a base de sustentação econômica de Timbaúba dos Batistas continuou a ser composta por atividades rurais, especialmente a cana de açúcar, o algodão e a pecuária. Com a emancipação política, a toponímia da Fazenda foi preservada na nomeação do município e, assim, foi sendo forjada a identidade timbaubense atribuída aos que têm sua origem nesse lugar.

Toponímia do Município

Timbaúba (Enterolobium Timbouva) é um termo de origem indígena Timbo-wiba, que significa árvore de espuma. Uma árvore de Timbaúba existia no local onde foi constituída a fazenda de José Batista dos Santos, servindo à sua nomeação e à designação de um riacho que cortava suas terras, afluente do Rio Piranhas (ARAÚJO, 2006).

De fazenda a distrito, Timbaúba foi se construindo com o nome da localidade que, posteriormente, originou a cidade, sede do município. Nesse processo, houve a junção do nome da árvore ao sobrenome da família considerada fundadora do município, e eis que emerge Timbaúba dos Batistas. Na entrada principal da cidade existe um exemplar da árvore que nomeia o lugar (Figura 6).

Figura 6 – Árvore símbolo do lugar.



Fonte: Acervo pessoal de Moura (2014).

Foto: Andrey Jonathon de Medeiros Moura

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Após a emancipação do município, a pequena Cidade de Timbaúba dos Batistas apresentava em sua configuração espacial três ruas no entorno da igreja e algumas casas dispersas, como comprova o depoimento do Senhor Antônio Pereira de Azevedo¹: “Nos anos de 1960, Timbaúba se resumia à Rua Grande (Figura 7), às duas ruas em volta da igreja e à Rua do Grupo Velho; o resto era tudo barro, umas casinhas de taipa na Maloca e uma casa aqui outra ali, só isso”.

Figura 7 – Rua Joaquim de Araújo Pereira – Rua Grande.



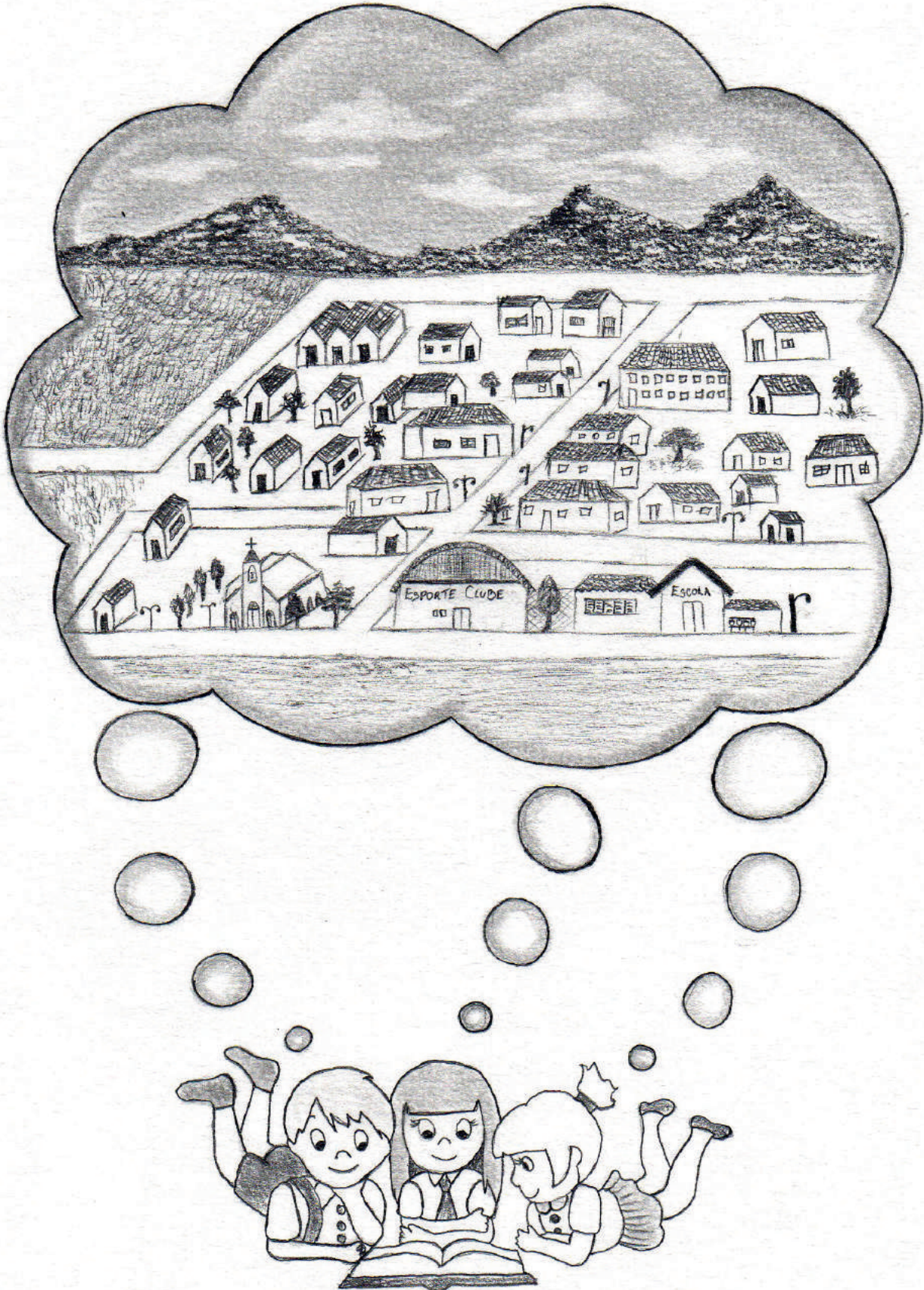
Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves ([196-?]).

A Rua Grande à qual o depoente se refere corresponde hoje à Rua Joaquim de Araújo Pereira, que se localiza a frente da Matriz de São Severino Mártir, onde existia a maior concentração de casas que conformavam um arruamento e se localizavam as bodegas, bares e mercearias que deram origem ao comércio local. As do entorno da igreja, mencionadas por seu Antônio, são as Ruas Rui Barbosa e Isabel de Brito. E a Rua do Grupo é hoje a Rua Guilherme Soares, onde se localiza a Casa da Cultura Elino Julião, cujo prédio era o antigo Grupo Escolar José Batista dos Santos.

A descrição da configuração urbana de Timbaúba dos Batistas na época de sua emancipação revela aspectos de um pequeno lugarejo. No entanto, devido ao ordenamento jurídico do Brasil, que, desde 1951, considera como cidade toda sede de município, fez-se reconhecer oficialmente como cidade

¹Depoimento prestado pelo Senhor Antônio Pereira de Azevedo, funcionário público aposentado, no dia 20 de agosto de 2017.

Configuração urbana de Timbaúba dos Batistas.





CAPÍTULO 2 – CONFIGURAÇÃO URBANA DE TIMBAÚBA DOS BATISTAS

Com a emancipação política de Timbaúba dos Batistas, em 10 de maio de 1962, sua organização territorial passou a assumir os preceitos da legislação vigente no Brasil. No caso do território timbaubense, a sede do município é a cidade e o seu entorno compreende a zona rural (ou espaço rural), constituído por propriedades como fazendas e sítios.

Logo de início, conforme descrito anteriormente, a localidade apresentava alguns elementos do urbano, como igreja, escola e pequeno arruamento. Com o passar do tempo, a configuração urbana foi sendo lentamente ampliada e aprimorada. Esse processo esteve atrelado ao crescimento populacional de Timbaúba dos Batistas (Tabela 01), cujos números recentes ainda a colocam na condição de pequena cidade.

Tabela 1 – População total, urbana e rural de Timbaúba dos Batistas de 1970 – 2010.

Ano	População		
	Total	Urbana	Rural
1970	1.584	630	954
1980	1.501	766	735
1991	1.935	1.379	556
2000	2.189	1.670	519
2010	2.295	1.728	567

Fonte: Informações retiradas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1982, 1991, 2000, 2018).

Considerando o período de 1970 a 2010, entre o primeiro e o último censo demográfico realizado após a emancipação de Timbaúba dos Batistas, constata-se que a população total ainda é diminuta e registrou uma variação percentual de crescimento da ordem de 44,8% nesse período. Inclusive, entre os censos de 1970 e 1980, verificou-se um crescimento negativo da população total (-83 habitantes). Já nos censos demográficos seguintes, o crescimento da população total foi positivo, ou seja, houve aumento em números absolutos e relativos. Assim, constata-se que a população urbana cresceu 174,3% nesses anos, enquanto a população rural obteve crescimento negativo (-40,5%), ou seja, foi reduzida em números absolutos.

Em 1970, o conjunto da população urbana e rural correspondiam respectivamente a 39,8% e 60,2% do total de habitantes do município, ou seja, o número de moradores da zona rural era predominante. No Censo de 1980, essa situação foi invertida, passando a população urbana a corresponder a 51% dos habitantes do município. A partir desse censo, a população urbana assumiu uma tendência de crescimento absoluto e relativo, enquanto a população rural apresentou tendência a redução em termos absolutos e relativos.

O Censo Demográfico de 2010 relativo ao município registrou uma taxa de urbanização, índice que se refere ao percentual da população urbana no âmbito da população total, da

ordem de 75,3%. No entanto, a população rural correspondeu apenas a 24,7% do contingente de habitantes do município.

Considerando o período de 1970 a 2010, entre o primeiro e o último censo demográfico realizado após a emancipação de Timbaúba dos Batistas, constata-se que a população total ainda é diminuta e registrou uma variação percentual de crescimento da ordem de 44,8% nesse período. Inclusive, entre os censos de 1970 e 1980, verificou-se um crescimento negativo da população total (-83 habitantes). Já nos censos demográficos seguintes, o crescimento da população total foi positivo, ou seja, houve aumento em números absolutos e relativos. Assim, constata-se que a população urbana cresceu 174,3% nesses anos, enquanto a população rural obteve crescimento negativo (-40,5%), ou seja, foi reduzida em números absolutos.

Em 1970, o conjunto da população urbana e rural correspondiam respectivamente a 39,8% e 60,2% do total de habitantes do município, ou seja, o número de moradores da zona rural era predominante. No Censo de 1980, essa situação foi invertida, passando a população urbana a corresponder a 51% dos habitantes do município. A partir desse censo, a população urbana assumiu uma tendência de crescimento absoluto e relativo, enquanto a população rural apresentou tendência a redução em termos absolutos e relativos.

O Censo Demográfico de 2010 relativo ao município registrou uma taxa de urbanização, índice que se refere ao percentual da população urbana no âmbito da população total, da ordem de 75,3%. No entanto, a população rural correspondeu apenas a 24,7% do contingente de habitantes do município.

Pelos meandros da cidade: a configuração do Centro

A leitura da configuração urbana de Timbaúba dos Batistas indica que o Centro da cidade é composto pelas Ruas Isabel de Brito, Joaquim de Araújo Pereira, Rui Barbosa, Guilherme Soares, Padre João Maria, Major Cazuzza e Ananias Batista Pereira, que cruzam com as ruas José Clemente, Paulino Batista e Manoel Batista Pereira (Figura 8). Essas são as vias onde há maior circulação de pessoas na cidade e nas quais se concentram os estabelecimentos comerciais e de serviços. A despeito disso, por se tratar de uma cidade de pequena dimensão, nessas ruas também é marcante a presença de edificações para fins residenciais.

A representação cartográfica apresentada na Figura 8 demonstra a configuração urbana de Timbaúba dos Batistas em Centro e Áreas Periféricas, sendo estas evidenciadas a partir da identificação em zonas, Norte, Sul, Leste e Oeste. Destaca, ainda, as imagens dos pontos históricos da cidade e a localização de estabelecimentos comerciais, de serviços e de uso misto, ou seja, que funcionam como comércio e prestação de serviços. Estes estabelecimentos estão concentrados no Centro da cidade, embora verifique-se a dispersão de alguns deles, localizados nas áreas periféricas.

A configuração do Centro da Cidade de Timbaúba dos Batistas tem como marco o largo da Igreja de São Severino Mártir (Figura 9), que abrange as Ruas Isabel de Brito, Rui Barbosa e Joaquim de Araújo Pereira², as quais conformam o Centro Histórico da cidade. Suas edificações, juntamente com o prédio do antigo Grupo Escolar, hoje Casa da Cultura, formaram os primeiros arruamentos responsáveis por delinear os traços do urbano em formação.

Figura 9 – Largo da Igreja de São Severino Mártir, em destaque a Praça João Damasceno.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

No largo da Igreja Matriz de São Severino Mártir, conformado pelas três ruas mencionadas, estão concentradas as principais instituições de serviços da cidade. Desse modo, na Rua Rui Barbosa (ver Figura 8) localizam-se a Igreja, a Praça João Damasceno Batistas, a sede da Prefeitura Municipal, o Centro de Saúde Manoel Paulino de Araújo, o Salão Paroquial São Severino Mártir, o Conselho Tutelar e a sede dos Correios, além de alguns estabelecimentos comerciais e residências.

Na Rua Isabel de Brito situam-se a Secretaria de Obras e a Casa Paroquial, sendo essa via predominantemente usada para fins residenciais. As instalações da Casa Paroquial, até o final da década de 1990, eram usadas como Delegacia de Polícia, sendo esta transferida para a Rua Ananias Batista, com a construção de novo prédio em 1998, na gestão do Prefeito José Nazareno Batista.

² A Rua Joaquim de Araújo Pereira, apesar de se localizar na atualmente Zona Oeste da cidade, foi a primeira rua da zona urbana de Timbaúba dos Batistas, conhecida como "Rua Grande". No entanto, a cidade cresceu nas direções Norte e Leste

A configuração do Centro da cidade abrange, ainda, a Rua Guilherme Soares onde estão localizados a Casa da Cultura (antiga Grupo Escolar José Batista dos Santos), que abriga o Museu Elinó Julião e a Biblioteca Municipal Celerina Brito (Figura 10). E, ainda, a Praça Chilon Batista, que se constitui como um espaço de lazer, no qual são desenvolvidas atividades culturais, promovidas pelas escolas ou pela Prefeitura em datas comemorativas do município.

Figura 10 – Casa Cultura Elinó Julião e Praça Chilon Batista.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Em Timbauba dos Batistas, no que se refere à centralidade urbana decorrente da concentração de estabelecimentos comerciais, destacam-se as Ruas Padre João Maria, Major Cazuza e Ananias Batista, onde se encontram mercadinhos, farmácia, casa lotérica, lojinha de artigos de informática, açougue, academia, salão de beleza, todos dispostos a poucos metros uns dos outros. Todas essas ruas cortam a cidade na direção Leste-Oeste.

Na Rua Padre João Maria, além de empreendimentos comerciais, localiza-se a Escola Estadual Basílio Batista, que por ser mais afastada do centro comercial, contribuiu para a valorização e expansão da área urbana rumo ao Leste, impulsionando a construção de casas no seu entorno.

Por dentro da história!

A Escola Estadual Basílio Batista de Araújo (Figura 11) foi criada por meio do Decreto nº 4.665 de 30 de junho de 1966, assinado pelo então Governador do Rio Grande do Norte, Aluísio Alves, e iniciou suas atividades pedagógicas em 1º de março de 1967.

Basílio Batista de Araújo, que era neto de José Batista de Araújo, fundador de Timbaúba, nasceu em 25/11/1864. Destinou sua vida aos estudos, saindo de sua terra natal muito cedo e se dirigindo a Minas Gerais onde atuou como professor em vários colégios das cidades de Viçosa, Cataguases e Palma. Era amigo do ex-Presidente da República Arthur Bernardes. Faleceu no dia 24/07/1923 na cidade de Palma - MG (AZEVEDO; SILVA, 1996).

Figura 11 – Escola Estadual Basílio Batista de Araújo, em Timbaúba dos Batistas.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Com a construção dessa escola, o antigo Grupo Escolar José Batista passou a ser um apêndice da Escola Estadual Basílio Batista. Essa escola, inicialmente, oferecia apenas o ensino primário – de 1ª a 4ª série (atualmente correspondem aos anos iniciais do ensino fundamental). Para cursar o antigo ginásio, era preciso se deslocar até Caicó, o que levou muitos a fixarem residência nessa cidade e outros a deixarem de estudar precocemente para se dedicar ao trabalho.

A Rua Major Cazusa, que atravessa a cidade no sentido Leste-Oeste e demarca a entrada do município pela RN 084, apresenta certo dinamismo. Isso se justifica devido à localização de estabelecimentos de serviços, como o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, e de comércio, como mercadinhos e lojas, além da feira de frutas e verduras (Figura 12), realizada nas sextas-feiras, no cruzamento com a Rua Paulino Batista

Figura 12 – Timbaúba dos Batistas - Feira Livre realizada à Rua Major Cazuza.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Você sabia?

A Rua Major Cazuza, anteriormente conhecida como “Rua da Maloca”, era formada por uma sequência de casas de taipa, habitadas por pessoas de baixo poder aquisitivo, que se concentraram na parte Norte da cidade. Nesse local, havia um açude conhecido como Açude da Maloca, em cujas margens os moradores plantavam batata e as mulheres lavavam roupa.

No imaginário das pessoas da cidade, existem muitas referências históricas à Rua da Maloca. Sobretudo de natureza preconceituosa, tendo em vista a condição socioeconômica de seus moradores, marcados pelo estigma da pobreza extrema.

Outro prisma desse preconceito se revela a partir de um fragmento do depoimento prestado pelo Senhor Dinaldo Batista, ex-prefeito. Segundo ele, na referida rua eram realizados muitos forrós e a moça de família que fosse vista nessas festividades da Maloca ficava falada, com o nome mal-visto.

Em 1976, foi construída nessa rua a Escola Municipal Paulino Batista de Araújo, evento que contribuiu para a ocupação dessa porção do espaço urbano.

Segundo Dinaldo Batista, entre os anos de 1982 a 1988, período de sua primeira gestão à frente da municipalidade, a Rua da Maloca foi beneficiada com pavimentação*. Assim, essa rua foi, paulatinamente, sendo efetivamente integrada ao tecido urbano.

* Informações obtidas pelos depoimentos de Antônio Pereira de Azevêdo e Dinaldo Batista de Araújo no dia 20 agosto de 2017.

A Rua Ananias Batista Pereira, que se estende na direção leste da cidade, desde entrada da zona urbana (Figura 8), e abriga alguns estabelecimentos comerciais, a Delegacia de Polícia e a 1ª Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas. De acordo com o depoimento prestado pelo Senhor José Nazareno Batista, a delegacia foi construída na segunda gestão do Prefeito José Damasceno Batista (1977 – 1982), em parceria com o governo do estado.

Por dentro da história!

A primeira igreja evangélica de Timbaúba dos Batistas foi a Assembleia de Deus. Por volta do ano de 2004, surgiu a Congregação Batista proveniente de missionários vindos de Caicó.

No início, os cultos e as práticas de evangelização eram feitos nas residências dos fiéis. Em 2005, foi alugado um prédio localizado à Rua Mãe Sebastiana, que funcionou como Templo até o ano de 2012. Neste ano, foi construído o novo templo, passando a se chamar Primeira Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas, considerada a partir de então. A Igreja conta com, aproximadamente, 75 seguidores e possui uma filial na cidade de Jardim de Piranhas.

Figura 13 – Primeira Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas.



*Informações obtidas por Juscelino Pereira de Souza (Presidente missionário da Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas), em 12/11/2018.

Por fim, além dessas três ruas, destaca-se ainda a Rua Paulino Batista de Araújo, que cruza o eixo central da cidade no sentido Norte-Sul. Nela também estão dispostos vários estabelecimentos comerciais e de serviços, como açougue, mercearias, lojas de roupa, artigos de informática, salão de beleza, entre outros.

A descrição do Centro de Timbaúba dos Batistas permite inferir que suas formas e funções se assemelham a configurações existentes na espacialização de núcleos urbanos brasileiros inseridos na classificação de pequenas cidades. Estas se caracterizam por serem núcleos urbanos que representam uma extensão menor se comparada a centros de outro porte, inseridos num quadro básico da urbanização que oferecem uma gama mais restrita de serviços, sendo estes necessários e imprescindíveis à realização da vida (SPOSITO; SILVA, 2013).

Pelos meandros da cidade: a configuração das Áreas Periféricas

As porções das cidades que se encontram urbanizadas, mas se localizam no limite do espaço urbano contínuo, são consideradas áreas periféricas. Por vezes, essas áreas coexistem com espaços que desenvolvem atividades vinculadas à dinâmica do rural, e geralmente são alvo

da expansão urbana. No decurso desse processo, a construção de prédios públicos para prestação de serviços, assim como de pontos comerciais, contribuiu para a valorização dessas áreas.

A partir da delimitação do Centro da Cidade de Timbaúba dos Batistas, definiram-se suas áreas periféricas, tomando como referência os pontos cardeais. Conforme zoneamento expresso na Figura 8, procedeu-se a identificação das ruas e conjuntos habitacionais que compreendem tais áreas nesse município (Quadro 1).

Quadro 1 - Áreas periféricas da cidade de Timbaúba dos Batistas.

Áreas Periféricas	Ruas	Conjuntos Habitacionais
Norte	Mãe Sebastiana	Renascer – formado pelas ruas Hermógenes Batista de Araújo Hisbello Batista de Araújo e Cinésia Petronila do Amor Divino
	Manoel Damasceno	
	Salviano Batista da Natividade	
	Hermógenes Batista	
	Hisbello Batista	
	Cinésia Petronila do Amor Divino	
Sul	Rua Projetada	Ari Torres
	Coronel Arthur Batista,	
	Joaquim Abdon,	
Leste	Altérvio Clemente	Timbaúba de Todos, formado pela rua Jaime Batista e pela continuação da rua Mãe Sebastiana. José Damasceno formado pelas ruas Maria Ildete de Araújo e Dr. Francisco das Chagas Pereira.
	Manoel Batista Pereira e a continuação das ruas Mãe Sebastiana, Ananias Batista Pereira, Major Cazusa, Padre João Maria, Guilherme Soares e Rui Barbosa	
Oeste	José Clemente	

Fonte: Autoria própria (2018).

A seguir, apresentam-se breves referências históricas das áreas periféricas de Timbaúba dos Batistas. Tais informações serão apresentadas considerando as zonas geográficas da cidade e as ruas que as compreendem.

Zona Norte

A Zona Norte de Timbaúba dos Batistas corresponde às Ruas Mãe Sebastiana, Manoel Damasceno, Salviano Batista da Natividade, Hermógenes Batista, Hisbello Batista, Cinésia Petronila e Projetada. Essa zona geográfica ocupa a maior porção territorial da cidade (Figura 8), e, embora seja uma área predominantemente residencial, possui alguns estabelecimentos comerciais e equipamentos urbanos que contribuem para o processo de urbanização de Timbaúba dos Batistas.

Até o início da década de 1980, essa porção da cidade era ocupada apenas por poucas casas de taipa, além do Matadouro Público Municipal. Localizava-se além da chamada “Maloca”, atual Rua Major Cazusa, também ocupada por casas de Taipa. As pessoas que viviam nessa área dividiam o espaço com a atividade de criação de animais. Assim, era pouco habitada e valorizada.

Foi a construção da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo, localizada à Rua Mãe Sebastiana, e a pavimentação da Rua José Clemente que contribuíram para a valorização dessa área (Figura 14). E, dando continuidade a esse processo, por volta do ano de 1985, as Ruas Ananias Batista Pereira e Mãe Sebastiana também foram pavimentadas.

Figura 14 – Pavimentação da Rua José Clemente.



Por dentro da história!

A Escola Municipal Paulino Batista de Araújo foi fundada em 1976, por meio do Decreto Lei nº 99 de 30 de agosto de 1976, e autorizada a funcionar pela Portaria Nº 480/77/GS – de junho de 1977. A referida escola, que começou a ser construída na gestão do Prefeito Alceu Batista Pereira (1973 – 1976), foi inaugurada na segunda gestão de José Damasceno (1977 – 1982).

Paulino Batista de Araújo, filho caçula de José Batista de Araújo, fundador de Timbaúba dos Batistas era um grande proprietário de terras. Foi Capitão da Guarda Nacional, além de comerciante e criador de gado (AZEVEDO; SILVA, 1996).

A escola que leva seu nome foi construída para atender a demanda de ensino ginasial (atualmente corresponde ao ensino fundamental maior), uma vez que só existia o ensino primário (correspondente ao fundamental menor). Assim, para cursar o ensino ginasial, era preciso se deslocar para Caicó.

Essa instituição de ensino passou por algumas reformas. A primeira, que correspondeu à ampliação das salas e quadra de esportes (Figura 15) ocorreu na gestão do Prefeito Dinaldo Batista (1983 – 1988). E, em 1998, o Prefeito José Nazareno construiu o pátio interno e novas salas de aula.

Figura 15 – Reforma da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo.



Fonte: Acervo pessoal de Dinaldo Batista de Araújo (1985).

Atualmente a escola (Figura 16) oferece o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). E conta com aproximadamente 278 alunos e 45 funcionários.

Figura 16 – Escola Municipal Paulino Batista de Araújo.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

A pavimentação da referida rua não só valorizou essa porção da zona urbana rumo ao Norte, como facilitou o acesso e a circulação das pessoas que moravam nas imediações. Desse modo, beneficiou, sobretudo, trabalhadores e vendedores de carne, que atuavam no Matadouro Municipal.

Além da escola mencionada, a Rua Mãe Sebastiana atualmente possui outros empreendimentos de serviços e comerciais, como bares, loja de material de construção, entre outros. Nela estão dispostos também equipamentos públicos como o Centro de Convivência Hércules Batista Pereira, construído na gestão do Prefeito Ary Torres Clemente (1989-1992), onde se realizam atividades recreativas para os idosos, e o Campo de Futebol Antônio Vitôr da Silva³, construído na primeira gestão do Prefeito José Nazareno Batista (1997-2000).

Seguindo o eixo Norte da cidade, estão dispostas as Ruas Manoel Damasceno, Salvia-no Batista da Natividade, Hermógenes Batista de Araújo, Hisbelo Batista de Araújo e Cinésia Petronila. Todas elas cruzam com a Rua Manoel Batista Pereira, que se estende até o extremo norte da zona urbana. Nessa área, localiza-se também o Conjunto Habitacional Renascer

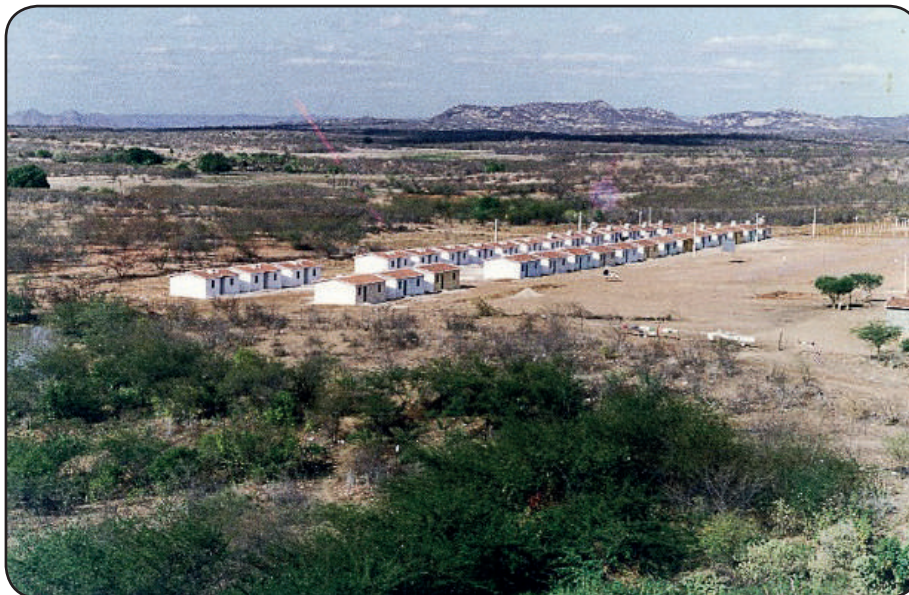
O Conjunto Habitacional Renascer foi o segundo conjunto construído em Timbaúba dos Batistas, por meio de um convênio entre o município e a Caixa Econômica Federal⁴. É constituído por 32 unidades habitacionais e foi inaugurado em 1998, na primeira gestão do Prefeito José Nazareno Batista. Esse conjunto foi construído nos arredores da cidade, em uma área habitada pela população pobre, cujas casas eram de taipa.

Atualmente, essa área se encontra completamente modificada e integrada ao espaço urbano. O conjunto Renascer é conhecido na cidade como “as casinhas de cima” (Figura 16 e 17). Provavelmente, essa denominação decorre da construção das casas em sequência, na parte mais alta da cidade.

³Antônio Vitôr da Silva era um caminhoneiro timbaubense, amante do futebol, inclusive chegou a idealizar o São Paulo Futebol Clube de Timbaúba dos Batistas. Entrevista concedida por José Nazareno Batista em 31 de julho de 2018.

⁴Informações obtidas em entrevistas concedidas pelo ex-Prefeito José Nazareno Batista em 31 de julho de 2018.

Figura 17 – Conjunto Habitacional Renascer.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (1998).

Figura 18 – Conjunto Habitacional Renascer.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Por volta do ano de 2001, foi construído o Ginásio Poliesportivo Maria Dalva de Azevedo (Figura 19), localizado à Rua Manoel Batista Pereira, onde são realizadas as atividades de educação física das escolas do município, além de torneios e jogos interclasses. O Ginásio recebeu esse nome em homenagem à professora timbaubense Maria Dalva de Azevedo, que lecionou nas duas escolas do município, foi vice-diretora da Escola Estadual Basílio Batista de Araújo, além de catequista e vereadora.

Figura 19 – Timbaúba dos Batistas - Ginásio Poliesportivo Maria Dalva de Azevedo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Assim, como consequência do processo de ampliação dessa área, uma vez construídos o conjunto habitacional e o ginásio poliesportivo, posteriormente, veio a pavimentação das ruas. Isso favoreceu a melhoria na circulação de pessoas e mercadorias.

A zona norte é também o cenário da festa mais famosa da cidade, a tradicional “Corrida de Jegues”, realizada anualmente no dia 7 de setembro. Para essa festa, foi construído o “jegódro”, que se situa ao lado da Praça de Eventos Diogo Vítor (Figura 20), onde são realizadas as disputas. O jegódromo constitui um espaço amplo, que conta com um palco bem estruturado e tem capacidade de receber um grande número de pessoas.

Esse espaço foi oficialmente estabelecido na atual localização em 1997, na primeira gestão do Prefeito José Nazareno Batista. O terreno no qual se encontra foi desapropriado para se tornar o lugar oficial de realização dessa festa. Já a estrutura do palco e da Praça Diogo Vítor⁵ foram construídas na segunda gestão do Prefeito Ivanildo Araújo de Albuquerque Filho (2009-2012).

Figura 20 – Praça de Eventos Diogo Vítor, com vista para o Jegódromo, à esquerda.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (2008).

⁵A referida praça recebeu esse nome em homenagem ao jovem Diogo Vítor Pereira de Araújo, sobrinho de José Nazareno Batista que, na época, era vice-prefeito da cidade, e faleceu no dia 03 de junho de 2012, vítima de um grave acidente de carro.

No ano de 2010, durante a segunda gestão do Prefeito Ivanildo Araújo de Albuquerque Filho (2009-2012), foi construído o novo Matadouro Público Municipal, visando desativar o antigo, localizado à Rua José Clemente, pois a área onde se encontrava já estava bastante ocupada por residências. Porém, a mudança de localização do Matadouro Público não resolveu essa questão, uma vez que nas proximidades do novo estabelecimento hoje já se encontram residências edificadas e em construção.

Portanto, percebe-se que a porção norte da zona urbana de Timbaúba dos Batistas se encontra em pleno processo de expansão. Em consequência disso, novos contornos são dados à zona urbana de Timbaúba dos Batistas.

Zona Sul

A porção sul da zona urbana de Timbaúba dos Batistas é composta pelas ruas Coronel Arthur Batista, Joaquim Ábdon, Altívio Clemente, que abrange também o Conjunto Habitacional Ari Torres.

A porção sul da zona urbana de Timbaúba dos Batistas é composta apenas pelas Ruas Coronel Arthur Batista e Joaquim Ábdon, Altívio Clemente. No entanto, abrange o Conjunto Habitacional Ari Torres (Figura 21), primeiro a ser construído no município, em meados da década de 1990, durante a segunda gestão do Prefeito Dinaldo Batista (1993-1996).

De acordo com o depoimento de Dinaldo Batista, essa área era habitada pela população de baixa renda e as casas eram em sua maioria de taipa. Assim, visando melhorar as condições de moradia dessa população e atendendo a política de saúde pública de erradicação das casas de taipa, foram construídas aproximadamente 20 casas de alvenaria, que formaram esse conjunto habitacional.

Figura 21 – Conjunto Habitacional Ari Torres.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Atualmente, a área do entorno desse conjunto já é bastante ocupada com construções diversas. As residências que o compõem são conhecidas pelos habitantes da cidade como “as casinhas de baixo”, por terem sido construídas em uma área mais baixa da cidade.

Zona Leste

A Zona Leste de Timbaúba dos Batistas tem início na Rua Manoel Batista Pereira, seguindo rumo a entrada da cidade (Figura 8). Nessa zona, ainda se encontram o prolongamento das Ruas Ananias Batista Pereira, Major Cazuya, Padre João Maria e Guilherme Soares, e os Conjuntos Habitacionais José Damasceno e Timbaúba de Todos. Neste último, localiza-se o pórtico da cidade (Figura 22) às margens da rodovia RN 084, que dá acesso a Timbaúba dos Batistas a partir do entroncamento com a BR 427.

Figura 22 – Pórtico da Cidade.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (2013).

A zona Leste da cidade possui um conjunto de monumentos arquitetônicos de estrutura relativamente moderna que deram um novo perfil à paisagem urbana. Nessa zona, estão os equipamentos urbanos como Cemitério Público São Joaquim, Hotel Timbaúba, Casa da Bordadeira, Centro de saúde, laboratório de análises clínicas e estabelecimentos comerciais. Essa área conta também com duas quadras de esportes e academia popular, além de uma indústria de produtos de limpeza e a Igreja Assembleia de Deus.

Por dentro da história!

As práticas evangélicas chegam a Timbaúba dos Batistas por volta do ano de 1980, sendo trazidos por seguidores missionários da Igreja Assembleia de Deus de Caicó. Durante muitos anos, os cultos eram realizados nas casas das pessoas, o que contribuía para levar muitos à conversão.

O primeiro Templo da Igreja Assembleia de Deus de Timbaúba dos Batistas data de 1991 e se localizava à Rua Padre João Maria no 463.

O aumento do número de seguidores, requisitou um templo maior, cuja pedra fundamental para construção foi lançada no ano de 2011. O novo templo foi construído com o apoio da comunidade através de trabalhos voluntários feitos pelos membros da referida Igreja.

A atual sede da Igreja Assembleia de Deus de Timbaúba dos Batistas foi inaugurada no dia 23 de abril de 2016. Atualmente a instituição conta com aproximadamente 140 fiéis se expandindo até as comunidades rurais Saudade e Diniz.

Figura 23 – Assembleia de Deus.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

*Fonte: Informações prestadas por Maria Aparecida do Nascimento – Secretária da Assembleia de Deus de Timbaúba dos Batistas em 13/11/ 2018.

Segundo relato do Senhor Antônio Pereira de Azevedo, o Cemitério Público São Joaquim (Figura 24) foi construído na mesma época da igreja, ou seja, entre os anos de 1929 e 1930, nas terras que foram doadas por Joaquim Ábdon Batista Pereira, bisneto do fundador de Timbaúba. A construção contou também com a ajuda das pessoas que moravam na povoação.

Na época, o cemitério era considerado relativamente distante do centro da povoação, tendo em vista o baixo número de habitantes e construções naquela região na época. Porém, com o crescimento da cidade, atualmente encontra-se integrado ao contexto urbano e, em 2010, passou por uma grande reforma, adquirindo uma fachada moderna.

Figura 24 – Cemitério Público São Joaquim.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

O Hotel Timbaúba (Figuras 25 e 26), que se localiza à Rua Ananias Batista Pereira, teve sua construção iniciada em princípios de 1998. É um empreendimento municipal arrendado a terceiros para realização da prestação de serviços de hospedagem e alimentação, sobretudo em períodos festivos.

Figura 25 – Hotel Timbaúba em construção em 1998.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (1998b).

Figura 26 – Timbaúba dos Batistas - Hotel Timbaúba.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Tanto o Hotel Timbaúba como o Anel Viário foram construídos na primeira gestão do Prefeito José Nazareno Batista (1997-2000). No que se refere ao anel viário (Figura 08), foi construído na intenção de melhorar a circulação de veículos na entrada da cidade. Nele, encontra-se uma árvore da espécie que dá nome à cidade (Figura 27), resguardando, assim, a simbologia do lugar e contribuindo para o embelezamento da paisagem urbana.

Figura 27 – Árvore Timbaubeira.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (2012).

Ainda na Zona Leste da cidade, situa-se a Casa da Bordadeira (Figura 28). Como o próprio nome sugere, o lugar comercializa bordados, produtos que se constituem não só como patrimônio cultural do município, mas também um dos pilares da economia local. Por isso, Timbaúba é reconhecida como a capital mundial dos bordados (LUCENA, 2017).

A Casa da Bordadeira foi construída na primeira gestão do Prefeito Ivanildo Araújo de Albuquerque Filho (2005 – 2008). Sua localização, logo na entrada da cidade, objetivou conferir maior visibilidade ao local de comercialização desses produtos, uma vez que agregam maior valor para a economia do lugar. E, além disso, atraem tanto compradores que revendem as peças como a pessoas que buscam o produto para consumo próprio.

Figura 28 – Casa da Bordadeira.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Também integram a paisagem urbana da Zona Leste da cidade os conjuntos habitacionais José Damasceno e Timbaúba de Todos, construídos em período mais recente. Foram erguidos a partir de uma parceria do município com programas do governo federal como o Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social e o Programa Minha Casa, Minha Vida.

O Conjunto Habitacional José Damasceno (Figura 29) foi construído em 2008, na primeira gestão do Prefeito Ivanildo de Araújo Albuquerque Filho, em parceria com o governo do estado. Localiza-se nas proximidades do Pórtico da cidade e conta com aproximadamente 90 unidades habitacionais, constituindo-se o maior conjunto da localidade (Mapa 02). É composto pelas Ruas Maria Hildete de Araújo Cunha, Dr. Francisco das Chagas Pereira, Beatriz Torres e Francisco Pinto Rodrigues.

Vale salientar que, antes da construção desse conjunto, muitas pessoas viviam em condições muito precárias. Inclusive houve um período em que a quadra da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo era usada para abrigar as famílias mais carentes.

Figura 29 – Conjunto habitacional José Damasceno.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (2008b).

Situado em um terreno baixo em relação aos demais em seu entorno, esse conjunto, antes da pavimentação, acumulava água em alguns pontos, motivo pelo qual os próprios moradores lhe conferiram a denominação “Lagoa do Sapo”. Atualmente, suas ruas são pavimentadas e recentemente foi construído um espaço de lazer constituído de uma praça e uma quadra esportiva.

Entre os conjuntos habitacionais, o Timbaúba de Todos, também conhecido como Conjunto Novo (Figura 30), foi inaugurado em 2012, sendo, portanto, o mais recente da cidade. Possui 45 unidades habitacionais, distribuídas pela Rua Jaime Batista e pelo prolongamento da Rua Mãe Sebastiana. É um conjunto que se encontra em expansão, embora ainda não esteja completamente pavimentado, e suas construções, mesmo as mais recentes, já revelam modificações em suas fachadas e estruturas.

Figura 30 – Timbaúba dos Batistas - Conjunto Habitacional Timbaúba de Todos.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

A construção de conjuntos habitacionais na Cidade de Timbaúba dos Batistas foi uma iniciativa que melhorou consideravelmente a questão da moradia, tendo em vista a quantidade de pessoas beneficiadas com a casa própria, a extinção das casas de taipa na zona urbana e a ampliação da infraestrutura urbana. Assim, os benefícios alcançados com a construção dessas novas moradias possibilitaram a expansão da cidade nas direções Leste e Norte do município.

Zona Oeste

A Zona Oeste da cidade compreende o espaço desde as Ruas José Clemente e Joaquim de Araújo Pereira até a extensão das Ruas do Centro – Guilherme Soares, Padre João Maria, Major Cazusa e Ananias Batista Pereira. Nessa região, encontram-se prédios da administração pública do município, bem como residências.

Na Rua Joaquim de Araújo Pereira (Figura 8) encontram-se a Creche Municipal Eridimar Batista de Azevedo (Figura 31), a Câmara Municipal de Vereadores e a Secretaria Municipal de Educação. As duas últimas instituições compartilham o mesmo prédio, onde até 1997 funcionou o Posto da Telern (Telecomunicações do Rio Grande do Norte), desativado em 2000, quando a rede de telefonia fixa já se fazia presente em algumas casas, tornando desnecessária a sua manutenção⁶. Atualmente, no espaço antes ocupado pelo posto, funciona um Centro de Leitura ligado à Secretaria de Educação.

⁶Informações fornecidas pelo Senhor José Nazareno Batista, ex-prefeito, nas gestões de 1997-2000 e 2001- 2004, em entrevista realizada no 30 de julho de 2018.

Figura 31 – Creche Municipal Eridmiar Batista de Azevêdo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Posterior a Rua Joaquim de Araújo Pereira, tem-se o cruzamento das Ruas José Clemente e Guilherme Soares. Até meados dos anos de 1980, com exceção da chamada “Rua Grande”, toda área do entorno do que hoje se constitui como o cruzamento das ruas era um espaço vazio, sem construções (Figuras 32 e 33). No entanto, com a expansão urbana, ocorreu o processo de ocupação dessa área, o que deu origem à Zona Oeste da cidade.

Figura 32 – Cruzamento das ruas José Clemente e Guilherme Soares [196-?].



Fonte: Acervo pessoal de Dinaldo Batista de Araújo ([196-?]).

Figura 33 – Cruzamento das ruas José Clemente e Guilherme Soares.



Fonte: Acervo pessoal de Santos ([1980?])⁷.

As sequências de imagens retratam a paisagem da pequena cidade ao longo do tempo, nas quais já é visível um esboço de arruamento. Possivelmente, esse espaço vazio que aparece na imagem (Figura 32) equivale hoje à continuação das Ruas Guilherme Soares e Padre João Maria. Durante algum tempo, esse espaço desocupado foi usado como campo de futebol (Figura 32).

Coube à Prefeitura Municipal a construção de residências nesse local, as quais foram doadas à população de baixa renda. Atualmente, a área corresponde à continuação da Rua Guilherme Soares (Figura 34), uma rua larga, dividida por canteiros, apresentando novas construções.

Figura 34 – Prolongamento da Rua Guilherme Soares.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Ainda na Zona Oeste da cidade, há o prolongamento das Ruas Padre João Maria, Major Cazuza e Ananias Batista Pereira. Tais ruas são utilizadas, prioritariamente, para fins residenciais.

⁷Considerando o avanço nas construções, ao comparar a Figura 31 a Figura 26, e as características daquela fotografia, presume-se que seja da década de 1980.

A leitura da cidade de Timbaúba dos Batistas a partir de suas zonas periféricas revela um processo que, embora ocorra lentamente, evidencia sinais de crescimento e desenvolvimento urbano. Assim, apesar do reconhecimento dos benefícios advindos da expansão urbana local, faz-se necessário ressaltar que esse processo, associado a um conjunto de fatores atrelados à sociedade contemporânea, marcada pelos avanços das tecnologias de comunicação e informações e dos transportes, também produziu consequências negativas que repercutem sobre o lugar.

Nesse aspecto, mencionam-se os problemas de violência urbana, em grande parte associados ao tráfico e consumo de drogas, que assolam os moradores de Timbaúba dos Batistas, principalmente os residentes na cidade. Deve-se destacar também que alguns problemas estruturais ainda persistem como, por exemplo, a questão do tratamento e descarte dos esgotos, ainda são jogados a céu aberto.

Essa realidade urbana típica dos grandes centros vem se instalando também nos pequenos núcleos urbanos. Assim, retirando-lhes as amenidades que até pouco tempo representavam um diferencial de qualidade de vida, do viver na pequena cidade.

Apesar disso, é importante mencionar que, no decurso da construção da cidade, sua paisagem urbana foi sendo modificada, mas também resguardou marcas do tempo que dão significado ao lugar e o tornam único para àqueles que o habitam, ou que nele já tiveram vivências, e guardam lembranças do lugar. Nesse sentido, discutiremos no próximo capítulo as manifestações culturais urbanas que conferem significado ao lugar.

Manifestações culturais urbanas: Ícones Timbaubenses.





CAPÍTULO 3 – MANIFESTAÇÕES CULTURAIS URBANAS: ÍCONES TIMBAUBENSES

Entende-se por manifestações culturais as expressões humanas que representam um povo. Essas práticas sociais conferem significado ao lugar, que passa a ser reconhecido devido a essas ações, tornando-se patrimônio cultural. Entende-se por Patrimônio Cultural⁸ toda produção humana de ordem material ou imaterial, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. O valor patrimonial os lugares possuem reveste-se de uma variedade de símbolos, que se refere as mais diversas formas de atividades humanas (COSTA, 2008).

Nesse contexto, o patrimônio também se constitui como uma linguagem que expressa uma forma de sentir e pensar um acontecimento, um tempo, uma dada forma de ver as coisas do mundo. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN⁹, o patrimônio cultural é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade de um povo.

Em Timbaúba dos Batistas, as principais manifestações culturais assumem uma vinculação com o processo histórico de formação do lugar e, em certa medida, estão entrelaçadas com sua dinâmica econômica. Entre as manifestações que se tornaram patrimônio cultural dos timbaubenses, destacam-se o bordado, a Festa do Padroeiro e a Corrida de Jegues, além da música, que tem como ícone Elino Julião.

Bordado de Timbaúba dos Batistas: arte e técnica na tessitura de uma produção identitária

O Bordado corresponde a uma decoração em relevo, feita em um tecido, a partir do uso de agulha e linha, que pode ser realizado à mão ou à máquina¹⁰. Trata-se de um saber-fazer no qual as dimensões artística e técnica se mesclam no processo de criação e produção¹¹ de desenhos em um tecido, o que envolve diferentes etapas e ferramentas para sua concretização. O bordado apresenta uma sequência de atividades que começa com o riscar da peça, seguido do bordar e, por último, o cortar, para fazer o acabamento. É uma atividade bem delicada que requer atenção e dedicação. As peças são bordadas em Richelieu, uma técnica de bordado,

⁸Em sua origem, o patrimônio estava ligado às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no tempo e no espaço. Hoje a ideia de patrimônio designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes das comunidades humanas. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/manifestacoes-culturais-e-patrimonio>>. Acesso em: 24 maio de 2018.

⁹Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e->>. Acesso em: 29 maio de 2018.

¹⁰Informação disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bordado/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

¹¹Com o desenvolvimento tecnológico, o bordado passou por diferentes estágios, que vão da produção artesanal a digitalizada. Em Timbaúba dos Batistas o bordado é confeccionado de forma artesanal e maquinofatureira; não são empregados recursos digitais.

e em bordado cheio, um tipo de ponto, e a produção se destina, principalmente, à elaboração de produtos de cama, mesa e banho (Figura 35).

Figura 35 – Bordados em Richelieu.



Fonte: Arquivo pessoal de Araújo (2018).

Por dentro da história!

A técnica de bordado Richelieu nasceu na Itália, na época do Renascimento, nos séculos XIV, XV e XVI. Posteriormente, esse trabalho migrou para países de todo o mundo, o que se deu, principalmente, pelas mãos das freiras católicas.

O nome que recebe no Brasil e na França é em homenagem ao Cardeal Richelieu, autoridade política francesa, católico, que fazia parte da corte do Rei Luis XIII da França. Richelieu gostava tanto desse bordado que chegou a criar oficinas para o preparo desse tipo de trabalho manual, que era destinado à monarquia.

Fonte: <<https://extra.globo.com/mulher/decoracao-e-jardim/filhos-da-patria-saiba-mais-sobre-bordado-richelieu-21858592.html>>. Acesso em: 5 maio 2018.

A história da produção de bordado em Timbaúba tem como marco a década de 1950, quando a Senhora Francisca Pereira de Araújo, popularmente conhecida como Chiquinha Manteiga, decidiu ensinar gratuitamente as mulheres do lugarejo o bordado à mão. Posteriormente, na década de 1960, com a emancipação política do município, a produção local assumiu ainda mais a identidade do lugar e, assim, os bordados de Timbaúba dos Batistas foram aos poucos conquistando um nicho de mercado no qual se destacavam pela beleza e qualidade singulares.

Até o início dos anos de 1970, o bordado à mão era o destaque do artesanato desenvolvido no município, cuja produção era voltada para uso pessoal. Esse quadro mudou no final dessa década, quando se estabeleceu o declínio das atividades agropecuárias, sobretudo a da cottonicultura. Mediante a necessidade de buscar formas de subsistência, as mulheres despertaram para o desenvolvimento da atividade do bordado com a finalidade de gerar de renda.

Nesse contexto, ocorreram mudanças importantes no processo produtivo, visto que o bordado passou a ser produzido também para fins comerciais e a partir do uso de máquinas. Com a chegada das máquinas manuais vindas de Recife, Natal, Caicó e Campina Grande, a atividade se fortaleceu (LUCENA, 2017). Assim, na década de 1980, um marco para a produção de bordado foi deflagrado pela Senhora Iracema Soares, que passou a ensinar o bordado à máquina às mulheres da localidade.

Dessa forma, o bordado foi se instituindo como uma atividade produzida por mulheres, que, ao ser comercializado, assegurava parcela da renda familiar, contribuindo para impulsionar a economia do lugar. No decurso do tempo, a arte e a técnica do bordado foi sendo repassada de geração em geração em Timbaúba dos Batistas (LUCENA, 2017).

Nos anos de 1990, ocorreu um novo impulso ao bordado timbaubense a partir de iniciativas que contaram com a contribuição de órgãos governamentais e associações voltadas para a promoção e ampliação das formas de divulgação desse produto. Essas ações se inseriram em políticas de fomento à economia local, propiciando suporte e incentivos para que as bordadeiras tivessem a oportunidade de participar de feiras, congressos e eventos artesanais regionais e nacionais.

Entre os eventos que as bordadeiras timbaubenses comparecem, anualmente, destacam-se a Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó (FAMUSE), realizada em Caicó durante a Festa de Santana, a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE), realizada no período de 02 a 12 de julho, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda (PE), considerada a maior feira de artesanato na América Latina. E, ainda, a Feira Internacional de Artesanato (FIART), que ocorre no mês de janeiro, no Centro de Convenções de Natal (RN).

De acordo com Lucena (2017), em Timbaúba dos Batistas existem em média 900 bordadeiras. O bordado é uma das principais fontes de renda do município, sendo um ofício praticado geralmente por mulheres, e se tornou um meio de sobrevivência para àquelas que apresentam baixa qualificação. A atividade, na maioria das vezes, é realizada em casa e a produção é vendida para várias partes do Brasil e até para o exterior.

Indiscutivelmente, o bordado foi o principal vetor de divulgação do nome de Timbaúba dos Batistas para além das cercanias do Seridó, conferindo a cidade a designação de Capital Mundial do Bordado (LUCENA, 2017).

Você sabia?

Na visita do Papa Bento XVI ao Brasil, Vossa Santidade foi presenteada com quatro toalhas bordadas de Timbaúba dos Batistas. Esse fato foi bastante divulgado pela mídia, levando o nome de Timbaúba dos Batistas além das fronteiras do Brasil.

Uma outra curiosidade bem peculiar do lugar, que envolve a arte de bordar, é uma certa reclamação que existe por parte da população local, pois dizem que Timbaúba realiza o bordado e Caicó que leva a fama. Na verdade, isso acontece por dois motivos: muitas pessoas que são de Timbaúba mudam-se para Caicó, e continuam praticando o artesanato; e a outra questão é que, pelo fato de ser o responsável pela comercialização, uma vez que o comércio caicoense é bem mais diversificado, Caicó se responsabiliza pela divulgação do produto.

Fonte: <<http://www.robsonpiresxerife.com/sem-categoria/algumas-pecas-que-serao-usadas-pelo-papa-bento-xvi-serao-bordadas-em-timbauba-dos-batistas/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

Festa de São Severino Mártir: Padroeiro do Município

A festa em honra ao santo padroeiro da cidade, São Severino Mártir, é a mais antiga da localidade, uma vez que a fé no santo foi o fator responsável pelo surgimento da capela. De acordo com o historiador Laudo Esdras Pereira (2018)¹², a primeira festa foi realizada em novembro de 1944 pelo Frei Diogo, vigário da Matriz de Nossa Senhora do Ó, de Serra Negra do Norte.

Até a década de 1950, quando não existia uma imagem do padroeiro para o culto, a comunidade fazia uso de um quadro de São Severino, do qual não se imagem atual (Figura 36) foi adquirida nos anos de 1950, em Recife, pelo Monsenhor Walfredo Gurgel, Pároco de Caicó, que prestava assistência religiosa à comunidade de Timbaúba dos Batistas.

Figura 36 – Imagem de São Severino Mártir.



Fonte: Acervo de Rivaldo Alves (2015).

A festa é realizada, anualmente, na segunda semana de dezembro e tem uma duração de dez dias, período em que se realizam a parte religiosa e a programação social. Na década de 1980, a festa em tributo a São Severino Mártir, antes realizada no mês de novembro, foi transferida para o mês de dezembro. O ritual da festa se inicia na quinta-feira, às 5 h da manhã, com a Alvorada feita pela Filarmônica Elino Julião. À noite, nesse mesmo dia, ocorre a abertura solene da festa, com a procissão e hasteamento do estandarte (Figura 37).

Figura 37 – Hasteamento do estandarte da Festa de São Severino Mártir em 2013.



Fonte: <<http://portaldetimbaubadosbatistas.blogspot.com.br/2013/12/festa-de-sao-severino-martir-em.html>>. Acesso em: 5 maio 2018.

¹²As informações fornecidas em entrevista ao historiador em 20 de agosto de 2018.

Durante a semana da festa, ocorre o novenário, mantendo-se a tradição da designação de noitários, ou seja, dos patrocinadores e homenageados da noite. Após a novena, são realizadas atividades culturais que se inserem na programação social, além da venda de doces e salgados, no Centro Social, organizada por grupos de jovens, grupos de casais e outros.

No primeiro sábado de festa, acontece o tradicional jantar de São Severino Mártir. O evento se realiza no Centro Social, localizado ao lado da Igreja. Esse jantar é um momento de confraternização dos timbaubenses, em que parentes e amigos se reencontram.

No primeiro domingo, a programação começa às 3h30, pela manhã, com a Caminhada de São Severino Mártir (Figura 38), idealizada pelo timbaubense Válber Torres Clemente, conhecido como Torrão, inspirada na Caminhada de Santana, realizada na Festa de Santana de Caicó. Nessa investida, Torrão¹³ contou com o envolvimento de amigos e conterrâneos, além de pessoas que possuem família em Timbaúba. Entre os organizadores desse evento, estão Gilberto Fernandes (radialista na Cidade de Caicó), Evaldo Iveraldo Alves (Naldo da Farmácia Timbaúba), Chilon Batista Neto (Prefeito Municipal nas gestões 2013-2016 e 2016-2020).

A primeira Caminhada de São Severino Mártir foi realizada no ano de 2008. O percurso dista, aproximadamente, 25 Km, tendo como ponto de saída a Loja Maçônica Regeneração do Seridó, no Bairro Barra Nova em Caicó, e como ponto de chegada a Matriz de São Severino Mártir, onde os fiéis são recepcionados pelo Pároco local, entregam uma contribuição financeira recolhida entre os peregrinos e recebem uma benção. Em seguida, deslocam-se para o Centro de Convivência, onde é servido um café e, depois, dá-se sequência aos festejos, com uma confraternização.

Figura 38 – Caminhada de São Severino Mártir.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Além da Caminhada, na programação social do domingo da festa também consta a Feirinha de São Severino, realizada à Rua Rui Barbosa, ao lado da Igreja Matriz, com início por volta de 12 h. Esse momento da festa do padroeiro inclui a venda de comidas típicas e a apresentação de atrações musicais, assim, é um momento de descontração e socialização.

¹³Informações dadas por Gilberto Fernandes, em 28 de maio de 2018.

No segundo final de semana da festa, na sexta-feira, ocorre uma Seresta Dançante na Praça João Damasceno. No dia seguinte, sábado, funciona o tradicional Pavilhão, no largo da Igreja Matriz, com barracas para vendas de comidas e bebidas, música ao vivo e leilão de produtos obtidos via doação, os quais são arrematados visando a geração de renda para a Paróquia.

No domingo, ocorre o encerramento da festa, quando se realiza a Missa Solene, às 10h. E, no final da tarde, às 17h, dá-se início à Procissão de Encerramento (Figura 39). O cortejo religioso se desloca pelas ruas da cidade numa demonstração de fé e agradecimento ao Santo Padroeiro.

Figura 39 – Procissão de Encerramento da Festa de São Severino Mártir em 2015.



Fonte: <<http://robertoflavio.com.br/blog/religiao/timbauba-dos-batistas-populacao-sai-as-ruas-para-procissao-de-sao-severino-martir/>>. Acesso em: 5 maio 2018.

Outras Manifestações Religiosas

Além das práticas mencionadas, a cidade de Timbaúba dos Batistas também conta com outras manifestações religiosas. Como mencionado anteriormente, Timbaúba conta com duas Igrejas Evangélicas - Assembleia de Deus e Primeira Igreja Batistas de Timbaúba dos Batistas. Ambas apresentam práticas rotineiras como evangelização diária, cultos semanais, escolas bíblicas, grupos de oração, louvores e pregações.

Essas igrejas desenvolvem projetos sociais (figura 40) direcionados a crianças, jovens e adultos os quais têm como finalidade contribuir para sua vivência religiosa e distanciamento de situações problemáticas que atingem o município, como o consumo de drogas e álcool. São projetos de dança, música e teatro que, além de promover lazer e entretenimento, procuram valorizar talentos e disseminar conhecimentos musicais e religiosos. As pessoas envolvidas nesses projetos estão presentes em eventos desenvolvidos pelas Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Assistência Social.

O responsável pela criação dos projetos de música e teatro é o professor Juscelino Pereira de Souza, que também é presidente da Igreja Batista local. Os projetos são abertos à participação popular, sem restrição aos jovens que não seguem a religião.

Figura 40 - Grupo de Música da Igreja Batista - 2012.



Fonte: Acervo de Juscelino Pereira de Souza, presidente da Igreja Batista de Timbaúba dos Batistas (2018).

A Corrida de Jegues de Timbaúba dos Batistas

A corrida de Jegues é a festa mais famosa de Timbaúba dos Batistas, realizada, anualmente, nos dias 6 e 7 de setembro. A primeira corrida ocorreu em 1986 e foi idealizada pelo Secretário da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER, Ary Maia (Aryzinho) e por Beatriz Torres, professora do município, com o apoio da Prefeitura Municipal, durante a primeira gestão de Dinaldo Batista de Araújo. A intenção dos organizadores era chamar a atenção das autoridades para a extinção do jumento, também chamado de jegue, e o desprezo com que o animal era tratado (LUCENA, 2017).

Em decorrência do sucesso da festa, o Jegue tornou-se um símbolo cultural do lugar e, em 2008, foi construída uma escultura alusiva a esse animal, na entrada da cidade (Figura 41). Em 2012, esse monumento foi transferido desse local para o Jegódromo, onde se realiza a corrida. Assim, foi colocado o marco dos 50 anos de emancipação política de Timbaúba dos Batistas no lugar anteriormente ocupado pela estátua do jegue (Figura 42).

Você sabia?

O Jumento possui um grande significado para a religião católica. O animal é exultado quando Maria e José, perseguidos pelo exército romano, fogem para ter o filho. Maria montada no lombo de um jumento e José puxando o animal. Uma outra passagem que exulta o animal é a chegada de Jesus em Jerusalém montado no animal, conforme descrito a seguir:

“A profecia de Zacarias faz assim exultar de esperança: ‘Dança de alegria, filha de Sião, dá vivas, filha de Jerusalém, pois agora o teu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num burrico, filhote de jumenta. Ele vai dispensar os carros de guerra em Israel, vai dispensar os cavalos em Jerusalém, vai dispensar todas as armas de guerra. Sua palavra é de paz para as nações. O seu reino vai de um mar até o outro, do rio Eufrates até a extremidade do país (Zc 9,9-10)’.”

“Ao entrar em sua cidade de Jerusalém, Jesus usa a montaria dos pobres: ‘Trouxeram, então, o jumentinho até Jesus, puseram seus mantos em cima, e Jesus montou. Muitos estenderam seus mantos no caminho, enquanto outros espalharam ramos apanhados no campo. Os que iam à frente e os que vinham atrás clamavam: ‘Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o Reino que vem, o Reino de nosso Pai Davi! Hosana no mais alto dos céus! (Mc 11,7-9)’. Simples, pequeno, montado num jumentinho!”

Fonte: <<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/catequese-o-significado-jumento-no-contexto-biblico/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Figura 41 – Escultura do Jegue na entrada da cidade de Timbaúba dos Batistas.



Fonte: Acervo Rivaldo Alves (2008c).

Figura 42 – Marco dos 50 anos de Emancipação Política de Timbaúba dos Batistas.



Fonte: Acervo Rivaldo Alves (2008d).

Em Timbaúba dos Batistas, a corrida no lombo do jumento tomou uma proporção gigantesca, atraindo milhares de curiosos e participantes de outros municípios potiguares, além de competidores dos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba. O local de realização da corrida de jegue foi alterado ao longo do tempo.

A primeira corrida foi realizada na Rua Guilherme Soares, iniciando em frente à Escola Estadual José Batista dos Santos, hoje Casa de Cultura Popular, e finalizando em frente ao Almoxarifado da Prefeitura, hoje Mercado do Artesão. Posteriormente, o percurso da corrida passou a ter como ponto de saída o Cemitério Municipal e como ponto de chegada o final do muro da Escola Estadual Basílio Batista. Esse percurso permaneceu por dez anos, sendo transferido, em 1996, para a atual localização, na Rua Hermógenes Batista de Araújo.

Em 1997, a Prefeitura Municipal de Timbaúba dos Batistas desapropriou o terreno antes pertencente ao ex-Prefeito José Damasceno e tornou o lugar exclusivo para a realização do evento¹⁴, recebendo o nome de Jegódromo¹⁵. Dessa forma, o que inicialmente era uma simples diversão, ao ter um

¹⁴Informações concedidas pelo ex-Prefeito José Nazareno Batista, que foi o responsável pela desapropriação do terreno.

¹⁵Segundo o Lexicógrafo da Academia Brasileira de Letras, Sérgio Pachá, a palavra deveria ser onómetro (do grego ónos, jegue, + drómos, ação de correr), assim como o lugar onde correm cavalos se chama hipódromo (e não cavalódromo). Mas como a palavra é muito exótica nada impede que se chame de jegódromo (com g, e não com c) o local destinado à corrida de jegues (ALVES, 2005).

local próprio para realização, passou a ser conhecido como um evento festivo, inclusive com contratação de atrações musicais.

A estrutura da festa era feita com barracas de palhas, as quais eram desmontadas após a corrida, sem que a Prefeitura desfrutasse de nenhum lucro. Por se tratar de uma festa popular, sem cobrança de taxas para os participantes, visitantes e barraqueiros, o evento aumentou bastante, chegando a reunir mais de 10 mil pessoas, aumentando a preocupação da Prefeitura e de seus idealizadores (Figuras 43 e 44).

Figura 43 – Festa da Corrida de Jegues em 2013.



Fonte: <<http://jairsampaioaico.blogspot.com.br/2013/09/corrida-de-jegues-em-timbauba-dos.html>>. Acesso em: 5 maio 2018.

Em consequência disso, em 2005, as barracas passaram a ser estilizadas, com design moderno, feitas em lona e estrutura de ferro, garantindo, assim, uma estrutura melhor e mais segura para a realização da festa. Em 2007, o Jegódromo ganhou um palco e pavimentação, que são usados para esse evento e outras atividades da cidade. A partir de então, a Prefeitura Municipal passou a cobrar uma taxa para estacionamento de veículos e instalação de barracas e camelôs, cujo destino é o pagamento de seguranças, atrações musicais e colaboradores da organização do evento.

A Corrida de Jegues de Timbaúba dos Batistas consta no Calendário Turístico de Eventos do Rio Grande do Norte. O período de sua realização foi mantido, ocorrendo sempre nos dias 06 e 07 de setembro, anualmente.

Figura 44 – Corrida de Jegues em 2008.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (2008).

Outras festividades

Além das festas mencionadas, também constam no calendário cultural de Timbaúba dos Batistas outros três eventos: o carnaval, a comemoração da emancipação política do município e os festejos juninos. Embora tenham uma repercussão menor, esses festejos fazem parte das expressões culturais do lugar.

O Carnaval é marcado pelo Timbafolia (Figura 42), evento realizado no domingo que antecede os festejos de momo, contando com blocos locais e a participação do Bloco Ala Ursa do Poço de Santana (Bloco do Magão) da Cidade de Caicó. Este bloco se assemelha ao carnaval de Olinda no que se refere à música, pois o ritmo tocado é o frevo, e à presença dos bonecos gigantes. Esse evento teve início em 2010 e foi idealizado por Chilon Batista, na época vereador municipal, impulsionado pela ausência de festejos carnavalescos na cidade.

Figura 45 – Timbafolia em 2012.



Fonte: <<http://escolabasiliobatista.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

A Comemoração da Emancipação Política é realizada na semana do dia 10 de maio, com programações culturais envolvendo as escolas e demais instituições do município. Durante a semana, são realizadas programações voltadas para estudantes, como gincanas culturais, além de atividades noturnas dedicadas à Educação e aos artistas da terra. Os festejos se enceram com uma festa dançante.

Essa festa teve início em 1997, na primeira administração do Prefeito José Nazareno Batista (Deda), e era realizada ao lado da Escola Estadual José Batista de Araújo, numa travessa que cruzava as Ruas Guilherme Soares e Rui Barbosa. Atualmente, no lugar da antiga travessa, tem-se o prédio da Casa da Cultura Eline Julião.

A festa de Emancipação Política, popularmente conhecida como a Festa do dia 10, chegou a ser grandiosa a ponto de trazer bandas de renomes nacionais, como Aviões do Forró, em 2005, que se apresentou no Jégódromo. No entanto, posteriormente, a festa foi transferida para a Praça Chilon Batista e passou receber menos investimento para sua realização.

Ainda no âmbito das manifestações culturais locais, ressaltam-se os festejos juninos, com destaque para o João Pedro da Maloca, realizado no primeiro final de semana do mês de julho, na Rua Major Cazuzu, conhecida como “Rua da Maloca”. O João Pedro da Maloca foi idealizado por Gilberto Bráz de Araújo, que tinha experiência em trabalhar com quadrilhas, no ano de 2012. A ideia da festa surgiu da constatação de que em Timbaúba dos Batistas os festejos juninos se resumiam aos eventos escolares. Isso motivou a organização do João Pedro a vivificar na cidade os festejos juninos marcados pela tradição por meio dessa festa¹⁶.

No início, tudo era gratuito, apoiado pelo comércio local. Mas como o evento foi assumindo proporções maiores, a partir do ano de 2015, passou a cobrar uma taxa de entrada, objetivando melhorar a qualidade da festa. Em consequência disso, em 2018, o João Pedro foi realizado na Praça de Eventos Diogo Vítor, pois as bandas eram maiores e o espaço físico da praça possui uma melhor estrutura para a sua realização.

Assim, após esse passeio pelas atividades culturais de Timbaúba dos Batistas, pode-se afirmar que tais manifestações evidenciam um acervo de reconhecido valor, que ora se projeta em escala local, ora se confunde com as representações regionais do Seridó. Trata-se de um patrimônio cultural que se construiu perpassado de história, identidade e simbolismo, aspectos que conferem visibilidade a práticas socioespaciais de uma pequena localidade sertaneja que aprendeu com a adversidade a construir novos cenários de vivências, articulando os fios da cultura e da economia. E são essas as tessituras que delineiam a alma do lugar e levam o nome de Timbaúba dos Batistas para além das fronteiras do seu pequeno território.

Além das manifestações já citadas, podemos identificar também como um grande símbolo da cultura timbaubense o cantor Eline Julião, cujo nome se eterniza na Casa da Cultura e no museu que abriga parte de seus pertences musicais, na Banda Filarmônica do município e nos eventos culturais da cidade, as quais veremos posteriormente.

¹⁶Informações prestadas em entrevista a Gilberto Bras de Araújo, em entrevista concedida no dia 18 julho 2018.

Eliño Julião: O timbaubense imortalizado





CAPÍTULO 4 – ELINO JULIÃO: O TIMBAUBENSE IMORTALIZADO

O nome de Timbaúba dos Batistas foi amplamente divulgado por meio Elino Julião. O cantor de forró, personalidade local, ganhou visibilidade nacional e tornou-se imortal devido às suas músicas, que retratam o Sertão Nordestino, o Seridó e a própria terra natal. Assim, acabou por divulgar o nome do seu município.

Elino Julião (Figura 46), filho de Sebastião Julião Filho e Francisca Augusta da Silva, nasceu em 13 de novembro de 1936¹⁷, na Fazenda Toco, na época ainda pertencente ao Município de Caicó. Seu pai era tocador de cavaquinho e concertina, o que despertou no menino o gosto pela música desde muito cedo. Residiu até os seis anos na fazenda onde nasceu e depois foi morar em Natal, juntamente com a família¹⁸.

Após alguns percalços na cidade grande, a família decidiu retornar ao seu lugar de origem, onde Elino passou a trabalhar na agricultura. No entanto, os escritos sobre sua história de vida relatam que cantarolava desde cedo. E, muitas vezes, descalço e a pé, percorria cerca de 18 Km, de Timbaúba a Caicó, para cantar no Caicó Esporte Clube.

Figura 46 – Elino Julião.



Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/BaoS6mgc2TM/Tzgd2pSV_QI/AAAAAAAAABsY/ibqMnlx38Aw/s1600/elino+6.jpg>. Acesso em: 24 maio 2018.

O sonho de ser cantor lhe incentivou a procurar novos horizontes e, assim, aos 12 anos mudou-se novamente para Natal, percurso feito por meio de uma carona no caminhão de Arthur Dias. Ao chegar na capital, ainda desempenhou a função de marceneiro, mas seu

¹⁷As informações sobre a biografia de Elino Julião foram retiradas de um e-book, Morada da Memória Elino Julião, em homenagem ao cantor timbauense, realizado por meio da Lei De incentivo à cultura Djalma Maranhão, em uma parceria entre o Cemitério Morada da Paz e a Prefeitura Municipal do Natal (2017).

¹⁸Na época, o senhor Sebastião Julião Filho foi servir à guerra, mas não chegou a embarcar, desempenhando a função de barbeiro na Base Aérea de Pamamirim.

grande foco sempre foi a música. Participou de programas de rádio e concursos de música em programas de auditório, nos quais começou a cantar brega. Nesses eventos, conheceu cantores como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, entre outros (SILVA, 2011).

Figura 47 – Elino Julião e Jackson do Pandeiro.



Fonte: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/musical-celebra-os-80-anos-de-elino-julia-o/363483>>. Acesso em: 23 maio 2018.

Serviu ao exército no Batalhão Antiaéreo de Natal no período de 1954 a 1958. Terminando o serviço militar, recebeu um convite do cantor Jackson do Pandeiro (Figura 47) para ir morar no Rio de Janeiro, onde deu início a sua carreira como cantor profissional por volta dos anos de 1970.

Cantor e compositor, gravou 41 discos de vinil e nove CD em ritmo de forró e brega, mas o “rela buxo” era sua verdadeira paixão. Ao todo, foram 350 composições. Em suas letras, falava sobre amor e lugares, principalmente o Sertão Nordeste, sendo emblemáticas as composições *Na sombra do juazeiro*, *Seri Seridó* e *Relampiou*. Gostava de homenagear em suas músicas santos e festas populares como em *Sant’Ana* e *São Severino Mártir*, *A Festa do Senhor São João*. E animais, a exemplo de *O burro* e *Rabo do Jumento*, sendo este o seu maior sucesso.

O timbauense dividiu o palco com grandes cantores da música brasileira como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Fagner, Genival Lacerda, Marinês, além de Jackson do Pandeiro (seu grande amigo e parceiro). E, além das apresentações no país, fez shows no exterior, em países como Portugal, Bélgica, Angola e Zâmbia (SILVA, 2011)

Elino Julião ficou conhecido como um grande conquistador e amante da vida boêmia. Passou por cinco relacionamentos duradouros, dos quais nasceram dez filhos, sendo sua última esposa a timbaubense Maria Veneranda de Araújo. O artista faleceu no dia 20 de maio de 2006, aos 69 anos, e seu velório foi no Palácio da Cultura em Natal.

Assim, Elino tornou-se um patrimônio cultural em sua terra natal, o que se evidencia a partir de diferentes formas de manifestação. Seu nome serviu à designação para a Casa da Cultura Elino Julião e da banda filarmônica de Timbaúba dos Batistas, dois ícones da cultura local.

Figura 48 – Casa da Cultura Elinó Julião.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

A Casa de Cultura Popular Elinó Julião (Figura 48), inaugurada em junho de 2006, pelo Prefeito Ivanildo de Araújo Albuquerque Filho, resultou de uma parceria entre os governos municipal e estadual. Na época, a governadora Vilma Maria de Faria transformou prédios públicos de várias cidades do estado em Centros Culturais para serem usados como museus e espaços culturais.

Nesse contexto, em Timbaúba dos Batistas, o prédio que do antigo Grupo escolar José Batista dos Santos, que até então funcionava como um anexo da Escola Estadual Basílio Batista de Araújo, transformou-se em Casa da Cultura. A reforma do prédio incluiu a construção de um auditório para realização de apresentações culturais, reuniões educacionais e demais eventos do município.

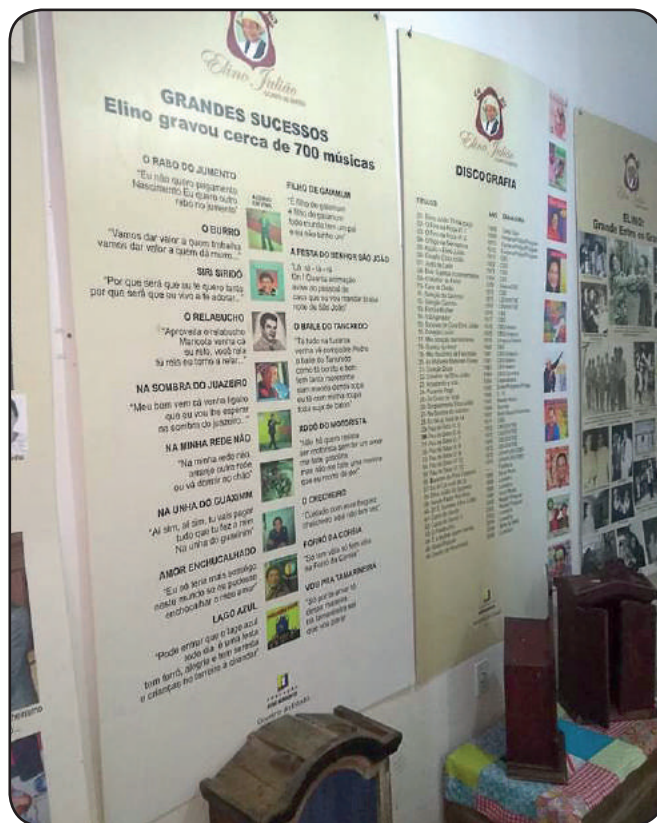
A Casa de Cultura Popular Elinó Julião abriga o Museu de mesmo nome, onde estão expostos objetos, relíquias do biografado (Figuras 49 e 50), como seus instrumentos, sua discografia e painéis autoexplicativos contendo passagens de sua vida. Além do museu, a casa abriga a Biblioteca Pública Celerina Brito e a sede da Banda Filarmônica Elinó Julião. O espaço, assim, é utilizado para a guarda dos instrumentos, como também para a realização de aulas de música e ensaios da banda.

Figura 49 – Sanfona de Elinó Julião.



Fonte: Acervo pessoal de Rivaldo Alves (2006).

Figura 50 – Painéis sobre a discografia de Elino Julião disponíveis no museu.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

A Casa da Cultura também abriga a Biblioteca Pública Celerina Brito e a sede da Banda Filarmônica Elino Julião, onde é feita a guarda dos instrumentos e acontecem as aulas e os ensaios da banda. A criação da Banda Filarmônica Elino Julião (Figura 51) foi uma iniciativa da Professora Maria Aparecida do Nascimento por meio da Associação Social e Cultural de Timbaúba dos Batistas. Assim, com o apoio da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado, foi possível adquirir os instrumentos musicais e, sob a maestria de Márcio Mizael da Silva, a banda foi iniciada em 2008. Em homenagem póstuma à idealizadora da banda, o auditório da Casa da Cultura atualmente tem seu nome¹⁹.

Figura 51 – Banda Filarmônica Elino Julião.



Fonte: Acervo de Medeiros (2017), atual coordenadora da banda.

¹⁹Informações concedidas por Paulo Ricardo de Medeiros, componente da Banda Filarmônica Elino Julião desde sua formação, por meio de entrevista realizada em 28 jun. 2018.

Assim, Elino Julião tornou-se um símbolo da cultura timbaubense, de modo que, além de nomear a Casa da Cultura e a Banda Filarmônica, ainda é figura de destaque em eventos da cidade como o desfile de 7 de setembro das escolas (Figura 52) e festas juninas (Figura 53). Nessas manifestações, o cantor se faz presente tanto como um personagem quanto por meio de suas composições.

Figura 52 – Desfile de 7 de setembro da Escola Municipal Paulino Batistas de Araújo.



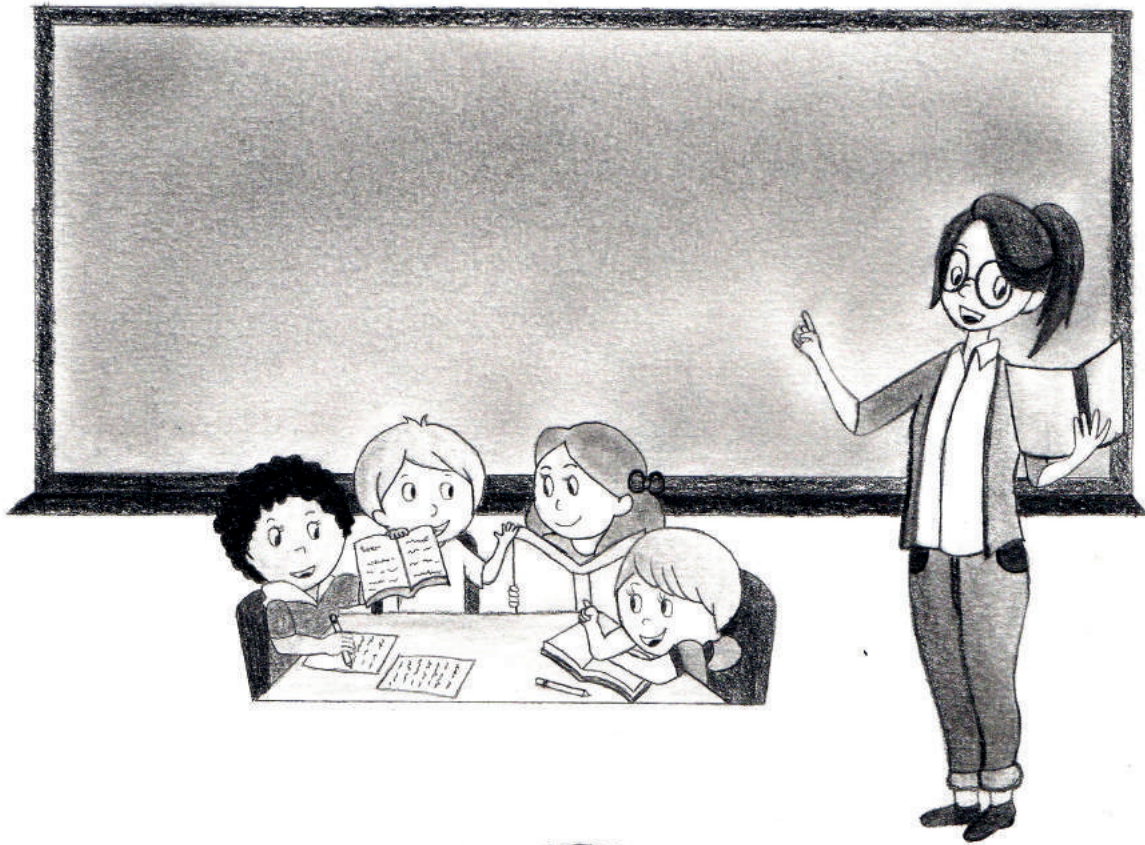
Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Figura 53 – Festa Junina da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

A geografia urbana de Timbaúba dos Batistas como proposta metodológica





CAPÍTULO 5 – A GEOGRAFIA URBANA DE TIMBAÚBA DOS BATISTAS COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

Mediante a elaboração desta obra, que retrata a geografia do lugar, nesse caso, o município de Timbaúba dos Batistas, de forma inovadora, preparamos um conjunto de atividades para o professor(a), sugestões para trabalhar os conceitos e conhecimentos presentes ao longo do livro em sala de aula. Por isso, este capítulo é direcionado ao mediador do conhecimento, àquele que norteia e coordena o ensino, pondo em prática a Educação Geográfica, visando a formação de cidadãos conscientes.

Este livro concretiza-se como um caminho, por meio do qual os professores podem despertar nos alunos o interesse pelo lugar em que habitam, a busca por mais conhecimento sobre a história local e, por conseguinte, a sua história. Dessa forma e por esse motivo, define-se como uma produção paradidática.

Assim, os alunos precisam ao menos materializar questões básicas sobre o lugar onde estão suas origens, questionamentos comuns nessa fase do ensino, que surgem durante as aulas, quando trabalhamos os conceitos de lugar e paisagem. Como se deu a formação desse espaço? Como era a cidade antes? Quais os elementos que melhor representam o lugar? São algumas das perguntas feitas por eles.

Esta obra traz uma abordagem científica da cidade de Timbaúba dos Batistas, de forma didática, para ser trabalhada com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. Sua elaboração dá suporte aos professores no que diz respeito à ausência de material sobre o município de Timbaúba dos Batistas, como forma de trabalhar mais precisamente a geografia do Lugar. Porém, por apresentar caráter científico e informativos, esse registro também serve aos estudos das mais diversas áreas e poderá ser usado como fonte de pesquisa para qualquer nível.

Sugestões de Atividades

As atividades aqui propostas são apenas sugestões, que podem ser desenvolvidas em sala de aula a partir da leitura deste livro. Assim, poderão dar margem à diversificação da rotina de sala de aula, ou até mesmo das avaliações, já que o livro traz uma grande quantidade de imagens, e ainda mapas, que também poderão servir como recurso didático. Porém, vale ressaltar que cada profissional deve adequar a sua leitura, como também tais atividades, aos seus objetivos didáticos.

Atividades

- 1) Caro professor, antes de sugerir aos alunos a leitura do livro paradidático *Pelas trilhas da cidade: a geografia urbana de Timbaúba dos Batistas*, realize uma roda de conversa com eles e peça que falem o que sabem sobre a história e a geografia da cidade (como surgiu, onde se localiza, em qual região está inserida, quais os municípios vizinhos). Depois, use o mapa do Rio Grande do Norte, apresentado no capítulo 1, para mostrar qual a localização de Timbaúba.
- 2) Organize um slide e apresente o livro resumidamente, utilizando algumas figuras da obra, mostrando o que eles irão encontrar ao longo da leitura. A medida que as imagens foram sendo apresentadas, peça para que eles reconheçam esses espaços, no caso, ruas, praças, igreja, escola, com o intuito é despertar nos discentes o interesse pelo conteúdo do livro.
- 3) Leve os alunos ao Laboratório de Informática, apresente o programa Google Earth e mostre a localização de Timbaúba dos Batistas no Rio Grande do Norte, bem como alguns elementos de relevo e vegetação locais.
- 4) Estabeleça um tempo para os alunos lerem o primeiro capítulo e, posteriormente, vai se discutindo a origem do lugar, as atividades econômicas que ainda se fazem presente em Timbaúba dos Batistas. Como existem muitos alunos da zona rural, uma possibilidade é organizar tabelas e gráficos que indiquem o número de alunos da zona rural e da zona urbana, o que também é uma atividade interdisciplinar, pois envolve princípios matemáticos. E, ainda, perguntar quais deles convivem com as atividades da pecuária e agricultura, e se já participaram de um dia de moagem, atividade que remete à atividade canavieira, tão presente na origem do lugar.
- 5) Do mesmo jeito, estabeleça um tempo para a leitura do segundo capítulo, e ponha em prática a leitura da paisagem pelas imagens que o livro apresenta. Divida a turma pelos alunos que moram no Centro e nas Zona Norte, Zona Sul, Zona Leste e Zona Oeste (os que moram na zona rural serão inseridos nesses grupos. Em seguida, peça para cada grupo listar os equipamentos urbanos que julgam importante, presentes em cada zona. A partir disso, discuta, por exemplo, os conceitos de função residencial, função comercial, explicando os termos Centro e Periferia, também abordados no livro.
- 6) O tempo para leitura também deve seguir no terceiro e quarto capítulo, discuta em sala a origem do bordado, pergunte se alguém da turma sabe bordar. Nesse momento, aborde o fato de a atividade ter se tornado fonte de renda, e que a arte foi sendo transmitida de geração em geração. Enfatize também a importância da manutenção dessas práticas para preservar a cultura local, de maneira que não se perca diante das inovações do mundo moderno.
- 7) Em relação às festas populares, procure saber qual delas os alunos mais participam. A questão das festas poderá criar algumas discussões de cunho religioso, e cabe ao professor esclarecer aos alunos que a religião também faz parte da cultura local. Explique que, inclusive, a criação do núcleo urbano está ligada a uma manifestação de fé, a promessa feita por Isabel de Brito, que levou à construção da Capela. Diante disso, buscar despertar nos alunos a consciência sobre a existência de diferentes práticas religiosas e o respeito que devemos ter por cada uma.

- 8) Leve músicas de Elino Julião para serem ouvidas em sala de aula pelos alunos. Procure saber qual dessas músicas estabelecem relações com a realidade deles, uma vez que a cultura timbaubense é relatada em algumas dessas canções.
- 9) Elabore um bloco de questões escritas acerca do livro. Trabalhe essas questões com os alunos por meio de algum tipo de jogo, com pontos ou prendas, para comprovar a leitura e a aprendizagem dos discentes sobre o tema.

Aula de Campo

A aula de campo é uma atividade que está completamente ligada ao exercício da educação geográfica, além de ser uma ótima oportunidade de dinamizar a aula, tornando-a mais interessante. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (2001, p. 34), é relevante lembrar que grande parte da compreensão da Geografia passa pelo olhar, e que passeios didáticos são fundamentais para que os alunos aprendam a interpretar a paisagem.

Esse passeio poderá ser feito em um ou dois dias, começando pelo Centro Histórico, seguindo pelas ruas comerciais, e pelas zonas periféricas. Escolha pontos importantes a serem discutidos durante a aula de campo. Faça paradas em lugares de grande significado histórico, econômico ou cultural, como os lugares que estão destacados na Figura 08 deste livro. Também podem ser utilizados princípios de orientação e localização, por meio do mapa, já que o mesmo é dividido dessa forma.

Peça para que os alunos identifiquem, ao longo do percurso, possíveis problemas que afetam a população, por exemplo: poluição, lixo ou despejo dos resíduos. Ao término do percurso, deverá ser requisitado ao aluno um relatório de campo, baseado na aula e no livro, fazendo com que o discente também desenvolva a habilidade da escrita baseada na experiência, tanto da aula de campo como da leitura do livro paradidático.

Por fim, esse conjunto de atividades são apenas sugestões, pois muitas outras poderão ser desenvolvidas mediante a leitura e a atividade de campo. É o professor(a) que tem a tarefa de balizar as atividades, de acordo com seu planejamento, almejando o objetivo final, que é a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rivaldo. Conjunto habitacional Renascer. 1998a. 1 Fotografia.
- _____. Hotel Timbaúba em construção em 1998. 1998b. 1 Fotografia.
- _____. Sanfona pertencente a Elino Julião. 2006. 1 Fotografia.
- _____. Praça de Eventos Diogo Vítor, com vista para o Jegódromo, à esquerda. 2008a. 1 Fotografia.
- _____. Conjunto habitacional José Damasceno. 2008b. 1 Fotografia.
- _____. Escultura do Jegue na entrada da cidade de Timbaúba dos Batistas. 2008c. 1 Fotografia.
- _____. Marco dos 50 anos de Emancipação Política de Timbaúba dos Batistas. 2008d. 1 Fotografia.
- _____. Corrida de Jegues em 2008. 2008e. 1 Fotografia.
- _____. Árvore Timbaubeira em 2012. 2012. 1 Fotografia.
- _____. Pórtico da Cidade. 2013. 1 Fotografia.
- _____. Imagem de São Severino Mártir. 2015. 1 Fotografia.
- ARAÚJO, Alcimar et al. Jardim de Piranhas ontem e hoje. Brasília: Senado Federal, 1994.
- ARAÚJO, Ionara Fábria de et al. Os engenhos da terra dos Batistas. In: MEDEIROS, Maria das Dores (Org.). Seridó antigo: história e cotidiano. Natal: Editora da UFRN, 1997.
- ARAÚJO, José Ernestino de. Enterolobium Timbouva: literatura de cordel. Timbaúba dos Batistas: [s.n.], 2006.
- ARAÚJO, Dinaldo Batista de. Pavimentação da Rua José Clemente. 1985. 1 Fotografia.
- _____. Cruzamento das ruas José Clemente e Guilherme Soares [196-?]. [196-?]. 1 Fotografia.
- ARAÚJO, Samuel Jonas de. Bordados em Rechilieu. 2018. 1 fotografia.

AZEVÊDO, Antônio Pereira de. Isabel Isaura de Brito juntamente com seu esposo e filha [192-?]. 2017. 1 fotografia.

_____; SILVA, Arysson Soares da. José Batista dos Santos: a figura de um patriarca. [S.l.]: Cartgraf, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais (terceiro e quarto ciclos do ensino médio): geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. p. 149-156. Disponível em: <www.epublicações.uerj.br/index.php/espacoecultra/article/download/viewfile/6143/4415>. Acesso em: 5 maio 2018.

FORMIGA, Conceição Medeiros. Eugênia Brito de Medeiros: centenário 1917 – 2017. Teresina: Halley S. A. Gráfica, 2017.

GOMES, Kátia Batistas. A exploração da scheelita em Timbaúba dos Batistas. Timbaúba dos Batistas: [s.n.], 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico: dados distritais. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. (IX recenseamento geral do Brasil – 1980, v. 1, t. 3, n. 8).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Sinopse preliminar do censo demográfico – 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. v. 6, n. 10.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico – 2000: características da população e dos domicílios - resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/natal/panorama>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LUCENA, Raul Breno da Silva. O bordado da economia do município de Timbaúba dos Batistas – RN. 2017. 71 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2017. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/5416>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

MEDEIROS, Betânia. Banda Filarmônica Elino Julião em 2017. Ano. 1 fotografia.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. Cronologias seridoenses. [S.l.]: Fundação Guimarães Duque, 2002.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999.

_____. Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência. Caicó: Ed. do autor, 2005.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti de. Terras potiguares. 3. ed. Natal: Foco, 2007.

MOURA, Andrey Jonathon de Medeiros. Árvore símbolo do lugar. 2014. 1 fotografia.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Prefeitura Municipal de Timbaúba dos Batistas. Plano municipal de saneamento básico do município de Timbaúba dos Batistas: diagnóstico preliminar técnico-participativo. Disponível em: <<http://timbaubadosbatistas.rn.gov.br/admin/tinyfinder/assets/uploads/file/rjf5lc5m.pdf>>. Acessado em: 6 nov. 2017a.

_____. Prefeitura Municipal de Natal. Projeto Morada da Paz. Morada da Memória. 2017b.

SANTOS, Maria do Socorro. Timbaúba dos Batistas: um exemplo de retrocesso de nossos municípios agrícolas. Natal: PRAEU, 1982.

_____. (Org.). Estudos tipológicos de Timbaúba dos Batistas - RN. Timbaúba dos Batistas: [s.n.], 2000.

SILVA, André Luiz da. O universo da cultura nordestina nas letras das músicas de Elino Julião. Revista Temática, ano VII, n. 2, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/30350>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

SILVA, Arysson Soares da. Izabel de Brito: A mãe da prece a São Severino. Timbaúba dos Batistas: [s.n.], 2017.

SPÓSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. Cidades pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiá: Paco, 2013.